3 1761 06559731 2

BRIEF
NX
0000787

NOTICIA

HISTORICA E DESCRIPTIVA

DO

MOSTEIRO DE BELEM.

COM UM GLOSSARIO DE VARIOS TERMOS

RESPECTIVOS

PRINCIPALMENTE Á ARCHITECTURA GOTHICA.

PREÇO 200 R.

Rare

NOTICIA HISTORICA E DESCRIPTIVA

DO

MOSTEIRO DE BELEM.

LISBOA.
Na Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Rua Nova do Carmo, N.º 39 — D.

1842.

LIBRARY
JUN 21 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

Brief
NX
0001787

Aos admiradores da architectura romantica.

A paixão — que paixão lhe podemos chamar — com que nos temos inclinado á architectura — á não classica principalmente — e o desejo de dar a conhecer um *estylo* original portuguez não defenido até agora, com seus principaes caracteres, fizeram occorrer a idéa de o appresentar no seu verdadeiro e mais qualificado typo — Belem.

Tal foi a origem desta noticia. Escripta para ser primeiro publicada aos artigos em um jornal litterario — disso se ressentirá na fórma — talvez.

Ao reuni-los no presente folheto pequenos retoques e alterações lhe fizemos. — Acrescentámos-lhe porém varias annotações, que, não podendo ter cabida no Panorama, são todavia complemento indispensavel na descripção, com especialidade as que envolvem os epitaphios latinos dos tumulos patentes na capella-mór.

Algumas explicações — ás vezes até de palavras technicas — tivemos por essenciaes; — já que infelizmente a linguagem architectonica portugueza não só é pouco sabida, mas até quasi tem estado virgem para a litteratura, ou por ventura incerta e irregular. E a fallar sinceramente, não foi sem grande esforço que conseguimos

para esta nossa empreza estudar-lhe a propriedade. — Pois ainda assim bem longe vá de nós a presumpção de a termos firmado neste pequeno ensaio; — que, para o que era, não se extendeu assim mesmo tão pouco. A principio não passaria toda a noticia de dois ou tres paragraphos de certo trabalho mais atrevido, no qual — por agora não direi quem — ousou querer imitar a respeito de parte da Peninsula o que da Allemanha praticaram Whewell e Moller, da França Winkles Agincourt e Boiserrée, da Italia Willis, e da Inglaterra, entre outros, Britton, Blore, Pugin, Wild, e o distincto methodista e classificador Rickman. Assim Deus ajudasse, que com a reunião de poucos mais elementos poderia em pouco ultimar-se alguma cousa!

Na descripção não seguimos outro modelo além do que a rasão e o assumpto nos dictaram. Procurámos reunir á exactidão o methodo e necessaria clareza, fugindo não só de fazer diversões e de romancear os assumptos, como de nos excedermos no jornal — se é que o não chegámos a fazer já com idéa nesta edição á parte.

Mais nos teriamos alongado querendo dar noticia de todas as casarias annexas ao edificio monumental antigo; de proposito o não fizemos por ficar isso totalmente fóra das nossas intenções.

Bem sei eu — bem o sabemos todos — qual é a falta essencial que ainda antes da leitura nos poderá ser acoimada; — o não ser este folheto acompanhado de mais gravuras e desenhos, que melhor dão a conhecer um tal edificio do que todas as descripções. — Muito as desejáramos offerecer, mas não foi isso julgado conveniente. É pois trabalho que fica naturalmente reservado para algum novo Murphy illustrar com elle a sua patria.

Indice.

I. Historia. Recordam-se os principaes monumentos de Portugal — Natural situação de Belem — Sua doação á ordem de S. Jeronymo — Condições — Donativos — Architecto João de Castilho — Seu gosto e obras — O que fez na Batalha — Anecdotas ácerca da edificação — João Potassi — Gaspar Dias . . . . . Pag. 1

II. Esboço rapido da historia da architectura na Europa — Renascimento — Como se fez — Anarchia na architectura quando Belem se fundou — Estylo portuguez manuelino — Seus caracteres . . . . . — 7

III. Descripção do exterior — Suas cinco partes distinctas — 12

IV. Entrada principal — Como ella devia ser quando acabada sem adulteração — Altar em que se disse missa ao embarque de Vasco da Gama — Castanheda e Barros o que escrevem — Descripção da porta do poente . . . . . — 16

V. Entrada na Igreja — Capellas lateraes — Dimensões diversas da igreja . . . . . — 17

VI. Pilares que sustentam a abobada — Descrevem-se miudamente. — Côro — Orgãos — Tecto — Confissionarios — Chão — Pulpitos modernos. . . . . — 22

VII. Cruzeiro — Sua abobada e paredes — Capellas — Sepulturas de principes — Pulpitos antigos . . . . . — 26

VIII. Capella-mór — Seus tumulos e quadros — Sacrario — Cubiculo onde está o corpo de D. Affonso 6.° . . . . . — 29

IX. Sachristia — Paramentos — Quadros — Custodia de grande valia — Outras preciosidades que eram do convento — Livraria . . . . . — 31

X. Claustros — Symbolos e emblemas — Retabulos hoje sem os quadros — Jardim — Refeitorio. . . . . — 33

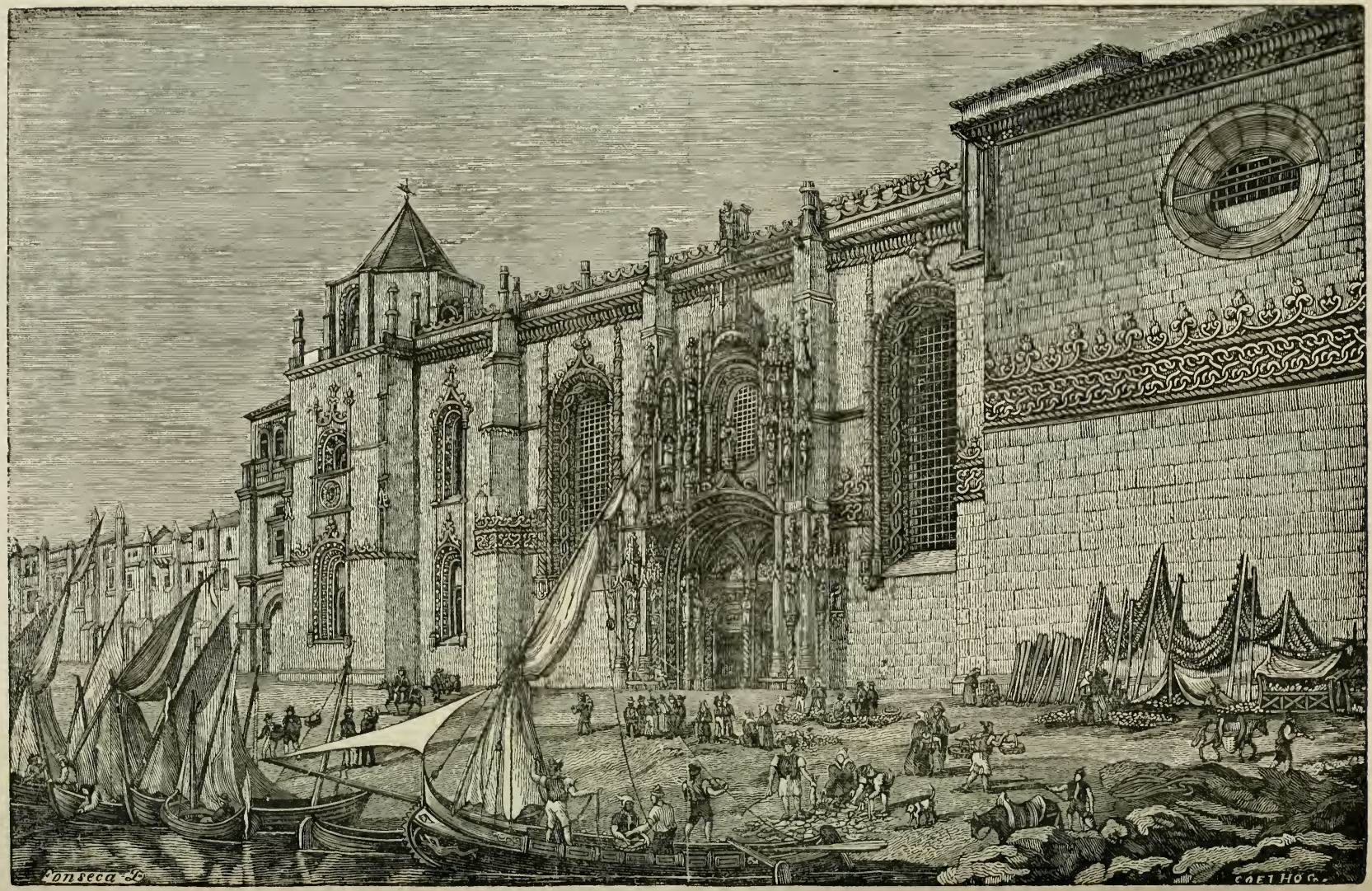
XI. Jardim e claustros — Sala dos Reis — Retratos na casa visinha — Applicação lembrada para o edificio. . . . — 36

XII. Destino actual — Casa Pia . . . . . — 39

Notas. . . . . — 42

ERRATAS.

Pag. 3 —	lin. 26 —	mosteiro, começado —	mosteiro começado,	
» 10 —	» 24 —	modular —	modelar.	
» 10 —	» 44 —	Cremos até, pelas —	Cremos, até pelas.	
» 13 —	» 36 —	cotas —	cota.	
» 14 —	» 9 —	dois frestões como os precedentes, dos quaes o debaixo. . . e o de cima &c.	duas frestas como as precedentes, das quaes a debaixo . . e a de cima &c.	
» 15 —	» 35 —	desejavamos —	desejáramos.	
» 23 —	» 34 —	imagens do Senhor —	imagens de N. Senhora.	
» 33 —	» ult. —	pilar —	pilarete.	



MOSTEIRO DE BELEM.

NOTICIA HISTORICA E DESCRIPTIVA

DO

MOSTEIRO DE BELEM.

I.

Se a veneranda sé de Coimbra é para toda a Europa um dos bem conservados documentos da architectura, nos primeiros seculos do engrandecimento da Igreja, — se o amplo e variado convento de Christo em Thomar, recorda muitos feitos dignos, praticados no orbe em differentes epochas, pela ordem independente da do Templo, — se o grandioso mosteiro da Batalha é um padrão eterno levantado á independencia e valor dos portuguezes nos fins do seculo 14.°, — se o sumptuoso palacio-convento de Mafra é um monumento de marmore erguido como para ostentar a riqueza e fausto do luso Salomão no principio do seculo 18.°, outro templo existe, de epocha quasi intermedia a estas duas ultimas, menos nomeado e conhecido, não obstante ser o mais proximo da capital, — estando até presentemente por assim dizer encravado nas suas casarias, — e não desmerecer ampla noticia; já pelo local em que foi situado, e gloriosas recordações, que traz á memoria a sua fundação; já pelas veneraveis preciosidades que encerra; já — e não é o menos importante — pela especialidade e valia de sua architectura. Fallâmos, bem se vê, do real mosteiro de Belem, outr'ora dos frades de S. Jeronymo, e hoje

occupado, desde a suppressão das ordens religiosas neste paiz, pelos alumnos da Real Casa Pia, servindo a igreja, com a invocação de Nossa Senhora de Belem, de freguezia daquelle bairro. Descreveremos o edificio, começando pela historia da sua fundação, e depois daremos noticia da mencionada instituição, creada pela piedosissima rainha Maria I, e exaltada pelos maternaes desvelos de sua augusta bisneta.

Seguindo Tejo abaixo pela margem direita, a uma legua a par da antiga Lisboa, existia um logar chamado o Rastello, fronteiro ao ancoradouro mais seguro que primeiro encontravam os navios que entravam a barra, e igualmente o mais proximo desta, que se offerecia aos que se preparavam a seguir viagem: porquanto no visinho pontal d'arêa, quasi defronte da Trafaria, findava, como ainda hoje, a porção de rio funda e entalada entre montes, que fornece tão bello abrigo: — dahi para fóra, até á propria enseada de Cascaes, os bancos, cachopos, desabrigos, e mares de vagalhão, tanto na proximidade da terra, deixam ainda agora mui cautelosos os que ás unhas da ancora confiaram a sorte do navio, que muitas vezes garra, e ao minimo descuido se expõe ao perigo. Ora, havendo, como diziamos, no referido logar tão bom ancoradouro, não deixariam de se estender ao seu aproveitamento os desvelos do principe navegador. Vendo pois o infante D. Henrique quanta utilidade resultaria da fundação de uma ermida naquella praia, que offertasse aos mareantes promptos soccorros espirituaes, resolveu executa-la, doando-a á Ordem de Christo, de que era mestre e administrador, e estabelecendo que os da mesma Ordem ahi fossem pôr em prática as suas caritativas intenções. — Depois a houve a coroa, que fez della doação aos frades de S. Jeronymo como vamos a expor, cingindo-nos nesta parte precisamente á letra dos documentos que temos á vista.

Elrei D. Manuel, considerando ampliar o culto divino, e vendo como o assento e *sito* de St.ª Maria de Belem, — assim por ser na praia e ácerca desta cidade como por que ao logar vinham aportar e ancorar muitas naus, navios e gente, assim de estrangeiros como de naturaes, — era apto e pertencente para nelle se fazer um mosteiro e casa honesta, em que podessem estar alguns religiosos que devotamente ministrassem e fizessem o officio e culto divino e agasalhassem «os pobres estrangeiros,» confessando-os e dando-lhes os outros sacramentos, resolveu de haver a si aquella ermida e assento de Belem, dando por escambo á Ordem de Christo uma casa maior, que fôra synagoga dos judeus, situada onde tinha sido n'outro tempo a judiaria grande, que então chamavam Villa-nova, que vem a ser o logar onde hoje está a Conceição Velha, igreja esta que se edificou logo depois, como consta de documentos confirmados ainda agora pela fachada da mesma igreja. — Diz o rei fundador que os rendimentos desta ultima casa montavam em cincoenta mil réis, o que era mais do que a Ordem obtinha de Belem. — E por ventura pela

recordação que trazia este nome da pequena terra da Palestina, assim chamada, natalicia do filho de Deus, onde o mesmo S. Jeronymo vivêra e tivera o seu instituto, ou, como elrei declara, — pela devoção que elle proprio tinha ao mesmo santo [cujo provincial, frades e ermitães viviam sob a regra de S. Agostinho no hospicio da Penha Longa, que fica no sobpé meridional da serra de Cintra] houve por bem aos 22 de dezembro de 1498 de fazer doação á Ordem de S. Jeronymo do referido logar de Belem com seu pomar cercado de muro e casas conjuntas, que estavam começadas a edificar, e bem assim d'uma morada, que ficava proxima do chafariz visinho, declarando fazer a mencionada doação com todas as entradas, sahidas, logradouros, aguas e pertenças com que eram possuidas pela Ordem de Christo. — Tudo com intenção de ahi fundar um mosteiro daquella Ordem, cujos religiosos seriam obrigados para todo o sempre a uma missa diaria por alma do infante D. Henrique *fundador do dito logar*, e assim pela de elrei e seus successores, com clausula expressa de que quando o sacerdote fosse ao « Lavabo » se voltasse para os fieis dizendo em voz alta: — « Rogai a Deus pela alma do infante D. Henrique, primeiro fundador desta casa, e por a de elrei D. Manuel que a doou á nossa ordem. » — Outro sim impoz a todo os religiosos o dizerem para sempre no fim de matinas e completas a oração = « *Deus qui de Beatæ Mariæ Virginis utero*, &c. = commemorando expressamente o doador ao archanjo S. Miguel e ao Doutor maximo S. Jeronymo. — O que sendo acceite pelos religiosos da ordem, lhes foi dada a posse dentro da capella do sobredito mosteiro, começado aos 21 de abril de 1500; e entre varias doações feitas ao convento não esqueceremos de mencionar a cessão da vintena do dinheiro das partes da Mina, e das mercadorias e cousas que vinham da India. Assim achamos os alvarás de 12 de novembro de 1511 mandando para as suas obras entregar a Lourenço Fernandes, cavalleiro da casa real, que naturalmente as inspeccionava, cincoenta quintaes de pimenta; de 16 de dezembro do anno seguinte recommendando o pagamento da vintena que lhe pertencia cobrar na casa da India, e de 9 de maio de 1513 ordenando que para as ditas obras se dessem da mesma casa quinhentos quintaes da mencionada especiaria, que então obtinha em Flandres subido preço: e pelo que afirma um chronista da ordem — o castelhano Siguença, se vê que alguns annos excedia a mesma vintena a oitenta mil cruzados, somma avultada, nos tempos em que a affluencia do ouro e prata da America na circulação não tinha ainda produzido tão pasmosa quebra no valor destes metaes. O que porem podemos com segurança afirmar é que, não obstante deixar o rei fundador encommendado no seu testamento que não se fizesse cessar esta renda, em quanto o mosteiro se não concluisse de todo, e que antes pelo contrario se augmentasse sendo preciso, vemos elrei D. João 3.º, por alvará de 23 de maio de 1529, fazer ao convento a esmola de

vinte e cinco moios de trigo, o que dá bem a entender que não possuia de sobejo, apesar de estar izento de pagar dizimos, conforme fôra concedido por bulla do papa Leão X de 24 de setembro de 1516.

Foi o edificio progredindo, e cada vez com maior perfeição na esculptura, pois no debuxo e mão d'obra vê-se no claustro mais primor do que no corpo da igreja. Não coube porem ao fundador o ter a satisfação de o ver findo: deixou o dormitorio apenas em começo com a recommendação de que se concluisse com o esmero correspondente. Igualmente incumbiu aos desvelos do seu successor a abobada do cruzeiro, cuja fabrica foi dada ao mestre João de Castilho, que era já o architecto de elrei D. Manuel, e devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras, se é que não fôra dellas o principal engenheiro. — João de Castilho, sectario do renascimento, e depois neophyto da restauração classica, foi em Portugal o architecto ambulante. — Mandado por elrei D. Manuel a Alcobaça para arranjos do andar superior no claustro de D. Diniz, da sachristia e da casa para os livros, ahi se achava no anno de 1520: no de 1530 dirigia as obras na Batalha: no de 1540 em Mazagão: no de 1550 em Thomar [sua patria?], onde parece que era fallecido em 1560. —Foi homem que levou em decadas as principaes paragens da vida. Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida de seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra d'Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, — já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio. O mesmo podemos dizer do claustro do reedificado mosteiro de Santa Cruz. Das suas obras em Belem adiante fallaremos. Em 4 de julho de 1528 foi nomeado para o logar de mestre das obras da Batalha, vago por morte de Matheus Fernandes [filho]. Tratava-se de proseguir nos trabalhos das capellas imperfeitas destinadas ao jazigo de elrei D. Duarte, que fôra dellas principiador, e ao de seus successores D. Affonso 5.º e D. João 2.º, do principe D. Affonso e de elrei D. Manuel, antes de se decidir por Belem, como se vê do proprio testamento deste ultimo rei, combinado com a interpretação das divisas que nellas se acham.

Castilho não era genio que se podesse moldar nas formas existentes para concluir o que fôra já concebido e até mais de meio posto em execução. — Porem nas ultimas obras da Batalha esta sua intolerancia não lhe dá honra, e tudo quanto ahi fez ou pelo menos dirigiu deverá ser desmanchado, — quando algum dia houver neste paiz quem tenha a elevada lembrança de completar o pensamento de tantos monarchas distinctos. Levantou dois grossos pilares cylindricos e estriados, e uniu-os por um arco abatido, deixando por baixo deste uma tribuna de balaustres *renascidos*, sem harmonia com o mais que lhe fica visinho. — E infelizmente para a sua memoria ficou la-

vrado a um canto da dita tribuna em uma cabeça de ornato o anno de = 1533 = epocha em que já alli tinham chegado as suas obras de improprio desenho começadas nos annos anteriores. — Seus foram tambem os quatro arcobotantes d'arco inteiro, encostados aos pegões da capella-mór, com impostas de capiteis corinthios. Do mesmo Castilho é sem duvida uma casa particular que fica defronte da porta do sul do convento, com duas janellas; uma por cima da porta com a simplicidade da restauração, e outra maior de dois arcos abatidos, copiosa em arabescos: sobresahindo em baixo de cada uma seu busto de meio relevo, tudo no gosto de Belem; o que não deixa de no seu tanto fortificar as justas suspeitas de que deste convento fosse elle o principal architecto. Accresce o existir um alvará de 23 de setembro de 1522, pelo qual elrei D. João 3.º manda a Pedro Lopes que pague ao dito Castilho mil cruzados por conta da empreitada com elle «novamente ajustada [diz este documento que está na Torre do Tombo] sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da igreja.» Este documento unico destroe de todo uma anecdota que o auctor do Anno Historico refere como passada com elrei D. Manuel: se bem que tinhamos sufficiente motivo para desconfiar da sua veracidade á vista do conto analogo com seus visos de maravilhoso, attribuido já anteriormente ao fundador da Batalha por Fr. Luiz de Sousa; asseverando que quando elrei D. João 1.º mandou descimbrar e tirar fóra as cambotas da admiravel casa do capitulo daquelle mosteiro, temendo sacrificar a gente que em tal mister empregasse no caso de desabar tudo, mandára vir para isso criminosos que então saldariam seus crimes sepultos em entulhos de madeiras, pedras e caliça.

Não foi pois elrei D. Manuel nem o architecto que se diz quem fabricou a abobada do cruzeiro de Belem, e por isso taxamos de falso o que a tal respeito conta o P.e Francisco de Santa Maria, facto que de certo não fôra de importancia tão mesquinha, para que por esquecimento deixasse de ser relatado por varios chronistas antigos, — coevos alguns. Siguença até diz que elrei D. João 3.º foi quem cerrou o cruzeiro. Nem faça duvida no citado alvará o adverbio *novamente*, o qual parecendo como indicar *de novo*, poderia a alguem dar a entender que já antes houvera outra construcção, que por ter cahido se precisava fazer de novo. Quem assim discorrer por certo que não estará familiarisado com o verdadeiro sentido que em quasi todos os escriptos daquella epocha se liga ao adverbio *novamente*, que significa *de novo*, sim, mas em referencia, não a um tempo passado, vago e indefinido, porem ao tempo em que se está, e quer como dizer modernamente, de mui pouco tempo a esta parte. Tão pouco nos achâmos dispostos a accreditar outro ponto de tradição, de que o verdadeiro architecto da obra chegando aos saimeis desapparecêra sem fechar a abobada; e appresentando-se dahi a tempos disfarçado, foram acceites suas offertas para a fazer, como prati-

cou; dando-se logo depois a conhecer, e desculpando-se de que usára de tal estratagema receoso de perder a sua reputação adquirida, no caso que a abobada não ficasse firme. Esta é a mesma tradição que se conta do convento de S. Francisco em Evora [quasi da mesma epocha], com a differença de se explicar neste ultimo que o architecto esteve ausente por sete annos, que foi o tempo que julgou necessario para assentarem bem os pés direitos e pilares de uma abobada tão magestosa: e tanto basta para a tal respeito nos fazer um pouco incredulos.

Não encontrámos até agora rasão plausivel que nos faça persuadir ter sido um tal João Potassi, italiano, o primeiro architecto que deu a traça do edificio, nem achamos memoria legitimada que nos leve a crer que tal nome se deva associar ao mosteiro de Belem. Não queremos com isto combater opiniões contrarias á nossa: o espirito regeita ás vezes por falta de convicção; e sem bastantes argumentos não deve exigir dos outros em sentido opposto isso mesmo que repugna. — Nós unicamente encontrámos o nome de João de Castilho: e apenas em maio de 1534 apparece o de Gaspar Dias, a quem elrei manda pagar despezas: pode porem crer-se que estas fossem só relativas a objectos de pintura, em que este artista viajante era mais insigne: e do seu pincel são com certeza alguns quadros existentes, entrando neste numero o que está no primeiro patamar da moderna escada principal do convento.

A verdade é que o todo do edificio, tanto no exterior como no interior, se não appresenta, logo á primeira intuição, um plano concertado e religiosamente seguido, este apparecerá a quem contemplar o assumpto muito d'alto, depois de o ter sufficientemente estudado e meditado. Chegar-se-ha a descortinar certa belleza, que geralmente apenas a custo transluz em toda a architectura anarchica da epocha chamada do renascimento, principalmente quando se acha, como aqui, deturpada por tantos inchaços e intumescencias, por tantos emplastos e cataplasmas de nova especie.

II.

Antes de entrarmos em especialidades descriptivas, julgâmos oportunas algumas breves reflexões ácerca do estado em que se achava a architectura europea quando se começou Belem. Breves dizemos, porquanto os limites do jornal e do nosso assumpto não consentem que recordemos as vicissitudes incessantes porque passára essa arte nos seculos historicos anteriores; e com especialidade na idade media, em que se viu levada ao seu auge de primor e grandeza — não diremos se de gôsto — pela associação secreta de todas as intelligencias architectonicas — de todos os mestres pedreiros.

As ordens da Grecia e Roma, que nem tinham podido n'outras eras arrostar os ventos e gelos do norte, ficaram submergidas debaixo das ruinas causadas por esses invasores fortes, chamados barbaros, que trouxeram em seu maximo auxilio o christianismo, e com este as bases para o progresso da construcção dos edificios religiosos. — O augmento das riquezas do clero e a fundação de muitas igrejas produziu uma architectura original, que pela cooperação dos membros da associação veio com o andar dos tempos a appresentar varios estylos, cujas simplices feições denunciarão, ao historiador entendido, o tempo em que foi feita a obra, melhor ou pelo

menos mais rapidamente do que a fraseologia dos documentos ao mais sabedor diplomata, ou o caracter da letra ao paleographo experiente.

Em todos os estylos da architectura da idade media, que nem porque impropriamente foi chamada gothica se decide, predominam as fórmas perpendiculares, que entre a abundancia dos ornatos são religiosamente guardadas no complexo harmonico da concepção. Por fim o perpendiculo afugentou a maior parte das decorações, e começou a enfastiar o ver continuamente o prumo do alvenel diante dos olhos. Demais os mestres pedreiros da associação com o ciume de se verem frequentemente excedidos na invenção por genios inspirados antes de professos, começaram, para satisfação de seu muito amor proprio offendido, a pugnar pela necessidade de coarctar a estes os seus vôos, e quasi reduzir a officio a nobre arte da architectura. A este tempo as artes do meio-dia acoutadas em Constantinopola [Bysantium] espalharam pela Europa a sua influencia solapada; e já então a architectura bysantina, como diz Hope — e nisto vai com Schlegel e os encyclopedistas — tinha invadido as proprias mesquitas mahometanas, e s'amoldára a novas fórmas. — Por outra parte a invenção da imprensa tabularia trouxe a vulgarisação dos classicos gregos e latinos: o gôsto pela literatura classica fixou-se de todo. Aristoteles e Horacio, Homero e Virgilio, Xenofonte e Livio começaram a ser vulgares. = Estavam os espiritos repassados da tendencia e inclinação ao que era da Grecia e Roma, quando a obra de Vitruvio começou a correr; e facil lhe foi, com o poderoso auxilio do *Sonho do Polyphilo* angariar sectarios, visto não haver entre os mestres propugnadores que soubessem, nem que ousassem sahir a campo. Pelo contrario: Mayano, Bruneleschi, Alberti e Bramanti [aliàs Lazzari] constituiram, sem a minima opposição, a dictadura que decretou: restauração! — E Palladio e Barozzi foram muito depois os seus apostolos servis que tem vivido sãos por tres seculos, e Deus sabe por quanto tempo ainda viverão; — já que a Bernini não appareceu outro rival senão o cioso e extravagante Borromini.

Quasi que sósinha a terra dos nomes acabados em I, proclama a imitação, lavra-lhe o decreto, assigna-o, passa-o pela chancellaria e fa-lo promulgar na lingua italiana. — E todos imitámos, porque não houve quem dissesse que isso não era o melhor: — não houve quem sustentasse que se a architectura foi muito mais considerada do que a esculptura e a pintura, esse conceito só lhe provinha de quanto aquella arte — que entre estas figura, no dizer do conde Algarotti, como a methafisica entre as sciencias, — demanda de genio e invenção, ao passo que nas outras duas o primor e merito quasi está no imitar objectos, que basta saber observar. — A igreja veio a tornar-se outra vez escrava da Grecia pagaã e a metter-se de novo sob o jugo, de que se libertára. Porem a restauração classica não podia ser feita de jacto. Os enthusiastas fogosos da sua novida-

de precisaram de sustentar na arena uma luta contra os innumeros fustes bysantinos, que como amigos marchavam enfileirados, com turbão e trajes mouriscos, pelas Hespanhas. Ao lado daquelles combatiam sem forças, e sem fé nem esperança os representantes desfalecidos da architectura perpendicular. — Foi no meio desta luta que se appresentaram uns poucos d'homens, os quaes depois de terem na Batalha pugnado ao lado dos ultimos, haviam entrado em muitas mesquitas de terras conquistadas, visto derrubar-se muitas synagogas de judeus, e até por fim devassado os pagodes cavernosos da India; e esses homens disseram: queremos edificar uma igreja. Começaram a juntar pedra e cimento, porem ninguem podia decidir: nós é que temos rasão, ou ao menos — nós é que havemos de vencer. O escopro e o cinzel trabalharam livremente, porque só depois de se decidir o combate é que deviam conhecer as regras e estatutos que lhe dariam os vencedores intolerantes. As pedras foram-se entrepondo, amontoando á vontade, e dahi resultou que se uniram todas as fórmas. A asna, a ogiva, os arcos revirados e todos os de ponto subido, bem como os de volta composta, bicentricos, tricentricos e polycentricos, foram indifferentemente involvidos com o sarapanel, crescente e ferradura; porem quasi cediam todos á preponderancia do enthusiasmo pela resurreição da volta inteira. Era tudo um chaos, tudo anarchia, tudo insubordinação e desobediencia aos principios seguidos antes, e ignorancia muitas vezes dos que se passavam a seguir, quando Belem veio ao mundo. Sobre as frontes de suas pedras deixou de tudo isto estampadas as provas em caracteres quasi indeleveis, pois que só á força de marrão e camartelo se tem algum tanto apagado.

Elrei D. Manuel não satisfeito com deixar o seu nome escripto nos foraes que reformou de quasi todo o reino, e no codigo legislativo, bem conhecido com o nome de manuelino, e nas muitas moedas que metteu em circulação, e nas numerosas cartas que assignou para enviar pelos archivos do orbe, escreveu em pedra as suas divisas em quasi todas as terras do reino — já nos pelourinhos de muitas villas que ia creando — já nas portas das igrejas que construhia. E com effeito as espheras armillares e as cruzes de Christo são os mais communs ornatos de toda essa architectura, pertencente sim, em geral, á épocha anarchica do renascimento, mas constituindo em Portugal um estylo particular *sui generis*, que ainda se hade caracterizar com o nome talvez de *manuelino*, quando por cá se der importancia á architectura, que de certo está mui longe de consistir nas regras materiaes de Vignola e seus numerosos commentarios seguidos nas escholas.

Estudem-se nos originaes as obras de Belem; Santa Cruz de Coimbra, que foi nesse tempo toda reedificada de novo; as das capellas imperfeitas e arrendados da crasta real, e a portada da freguezia na Batalha; e em Thomar as do claustro antigo e casa do ca-

pitulo no convento, e as da igreja de S. João na villa; as das igrejas principaes em Soure e Evora d'Alcobaça; e em Lisboa a fachada da Conceição Velha e a porta da Magdalena; o convento da Pena em Cintra, o de S. Francisco em Evora e restos de construcções em Serpa, Tavira e outras terras. — Só um tal estudo, feito depois de muita observação, nos poderá conduzir a estabelecer com firmeza os caracteres desse estylo manuelino, cujo typo é Belem.

Por em quanto appresentamos os seguintes, que chegámos a poder deduzir:

1.° Predominio da volta inteira e do sarapanel, terminando nos dois extremos em arcos de circulo, o que segundo Willis é privativo do gosto arabico.

2.° Tolerancia de todas as mais voltas; tendo as de ponto subido um retabulo em harmonia, e os de mais de dois centros pinhas ou maçanetas cahidas das intersecções ou vertices dos angulos curvilineos.

3.° Abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou enfeixados, e com pedestaes; sendo o enfeixamento disfarçado não só pela falta de arestas salientes de permeio, como pelas muitas esculpturas e meios relevos.

4.° Demasia e extravagancia nos ultimos, comprehendendo bustos em medalhões, arabescos, bestiães, brutescos, &c.

Louvores ao professor de desenho da Eschola Polytechnica desta cidade, que soube ir a este monumento original do paiz modular em gesso os ornatos para guarnecer a sua aula magnifica.

5.° Ausencia de molduras rectas, ou antes córtes amiudados dellas por outras curvas, preferindo nos lavores meias laranjas, bocetes, &c.

6.° Os corpos verticaes interceptados por nichos de estatuas, ou por baldaquins torreados e rendados.

7.° As ombreiras das portas, frestas, e janellas quasi sempre compostas, e as bases das columnas, cortadas por salientes repetições angulares, de caracter peculiar.

8.° Entre as harmonias de construcção — odio continuo a repetições de monotona igualdade nos capiteis, mísulas e gargulas e em geral falta de symetrias bilateraes.

9.° Adopção de preferencia ás fórmas oitavadas, assim na ramificação dos artezões, como nas bazes octogonas.

10.° Finalmente o uso contínuo para os florões e ornatos de logares mais notaveis, das divisas conhecidas do rei fundador, e alem disso, tanto em Belem como na Batalha, mais uma esculpida n'um escudo, sobre que pedimos o parecer dos eruditos. Consiste n'um ramo de tres flores iguaes, com pés e folhas que parecem de liz. — Cremos até, pelas occasiões em que as achamos empregadas, que symbolisam a Ordem d'Aviz, de que fôra grão-mestre elrei D. João 2.°, e o era então seu filho natural D. Jorge, duque d'Aveiro, primo do fundador.

Belem junta ao complexo de todas estas idéas architectonicas a associação da obra toda á memoria do infante D. Henrique, dos descobrimentos e de S. Jeronymo; o que melhor se verá das descripções minuciosas a que procederemos.

III.

Quasi toda a frontaria do mosteiro voltada ao sul é da pedra calcarea rija [lioz], que se encontra abundantemente nas cercanias desta cidade, e até dentro de seu recinto, como se vê em Alcantara, Pampulha e Rocha do conde de Obidos. = Appresenta ella essa «côr sombria dos seculos» — essa fronte *tostada* [para empregarmos a expressão do elegante Sousa] de que Murphy com tanta rasão exalta a belleza no mosteiro da Batalha, no qual se vê — como neste de Belem e torre de S. Vicente, visinha e contemporanea — certo tisnado na côr tirante a vermelha, procedente da incrustação que toma a pedra, quando em contacto com o ar atmospherico.

De cinco partes distinctas se póde reputar constante esta frontaria meridional; a saber: primeira: da caixa da capella mór, de architectura moderna: segunda, da do cruzeiro que se começa a vêr na estampa: terceira, do lanço mais nobre, e melhor lavrado, correspondente ás naves e torre: quarta, do vestibulo moderno ou excrescencia informe: quinta, da extensa habitação sobre arcaría, sustentada a curtos espaços por botaréus. — Cada uma será considerada em particular. —

A parte exterior da capella mór que a estampa de proposito não

comprehende, mostra bem o que ella será por dentro. A simplicidade classica acompanha as paredes exteriores, cuja união com as do cruzeiro nem ao menos se fez bem. Não ha um gigante, não ha sequer um ornato que faça ao menos este pedaço condizer com o edificio. Uma balaustrada simples sustentada por meio de caxorros guarnece exteriormente o telhado, sobre o qual em correspondencia do presbiterio ficam dois cupulins, a modo de guaritas, aos quaes do interior se chega por escadas de caracol. — Toda esta obra foi sem duvida feita por Diogo de Torralva que em 1551, em que ella se acabou, era o architecto do convento. Nesta epocha foram para ahi trasladados os ossos de elrei D. Manuel e da rainha sua segunda esposa.

A caixa do cruzeiro, se bem que menos ornada do que a outra porção de que já nos vamos occupar, não desdiz do gosto da architectura. Superiormente é cercada de uma cimalha caxorrada, e a meia altura partida por uma faxa de arabescos, que continúa para os lados. Por cima desta se fez modernamente um rasgamento circular tapado até o meio, e nada em harmonia com o resto por falta d'ornatos. Este rasgamento não chega a ser um remendo, é um buraco.

O exterior das naves e torre é o pedaço da frontaria do edificio mais digno d'admiração, e muito especialmente o que diz respeito ao nobre e magestoso portal. Fica este entre dois soberbos botaréus, cuja fórma desapparece com os lavores e nichos, columnas e estatuas, de que são ornados. Apezar de que a arte e o esmêro de construcção empregado neste portal lhe dê o primeiro logar, comtudo não póde ser a porta principal, por quanto esta era de uso ficar opposta ao altar mór que em todas as igrejas antigas se costumava situar ao nascente.

Dentro do espaço que comprehende um grande arco de volta inteira, todo bem cinzelado e com boas esculpturas de meio relevo [algumas das quaes parecem estar embutidas] se abrem dois vãos de volta mui achatada, tendo entre si um pilar acompanhado de columna, cujo capitel serve de peanha á estatua que representa effigiado o infante D. Henrique, em corpo inteiro, vestido de arnez, grevas, e de cotas d'armas. — Aos lados e no mesmo nivel veem-se em nichos os doze apostolos, tambem de pedra e do mesmo tamanho. — Por cima do remate da guarnição exterior do arco maior acha-se uma grande imagem da Senhora dos Reis, cuja é a invocação desta igreja. Está á sombra de um magestoso baldaquim, que guarnece superiormente uma fresta ou janella que fica sobre a porta, com seu pequeno nicho habitado em cada hombreira. — Aos lados desta janella se veem outras doze estatuas de santos menores do que as debaixo, mas tambem como estas em nichos coroadas de baldaquins.— Na cimeira fica em igual correspondencia da balaustrada do telhado o archanjo S. Miguel.

Para os lados veem-se dois frestões ou janellas altissimas e com iguaes hombreiras de lavor entresachado, tendo a cada lado em meio relevo dois fustes como de *supporte*, findando em agulha. Segue-se na parede, e depois no fim do botaréu, um como retabulo ou caixilho alto e esguio que envolve duas frestas, das quaes a superior, pelo vão que não está tapado a pedra e cal, dá luz para o coro, e a inferior para a parte da igreja que fica por baixo deste. — Vem depois a torre do relogio, que como está devia servir de base a um corucheu, com dois frestões como os precedentes, dos quaes o debaixo dá luz para uma capella, e o de cima para a casa do relogio. Os dois angulos da torre rematam em pinaculos, por detraz dos quaes fica a grinalda de pedraria que guarnece toda a extensão das naves, tendo espaçados nove acroterios, dos quaes só dois estão arrematados; um delles — o segundo começando da torre — com uma esphera armillar. A posição da dita grinalda proxima ao cruzeiro é mais elevada, e tem em cima lizes, dessas chamadas métas por Fr. Luiz de Sousa, e que alguns inglezes denominam *flores de Tudor*. Pena é que se não acabasse ao menos o corucheu oitavado desta torre do sul, para o qual já estava de todo prompta a base octogonal, que provisoriamente se cubriu com um telhado, que bem provisorio é ainda. Nas faces desta base, voltadas aos quatro pontos cardeaes, se deixaram ventanas onde estão os sinos da igreja, dois dos quaes servem para dar as horas e quartos do relogio da torre.

Segue-se o portico moderno que offerece um vestibulo para se chegar á entrada principal da igreja, e por isso começâmos no seguinte artigo. Esta obra seria talvez feita pelos annos de 1699 em que a igreja soffreu muitos concertos, e não só se póde chamar uma mascara de impropria côr posta na face da igreja, mas o peior foi que para bem poder servir feriram de todos os lados a mesma face, e procuraram curar as chagas com emplastos nojentos.

No artigo seguinte procuraremos tambem, reunindo estes elementos, construir de imaginação o que ahi se devia ter chegado a fazer.

Ao poente acaba todo o edificio no estreito e longo dormitorio. Foi este construido sobre uma abobada de vinte e tantos arcos, cujos pés direitos são reforçados por igual numero de gigantes ou botaréus que se encostam de uma e outra parte. Distam entre si tres braças, pouco mais ou menos, todos com suas gárgulas que, assim como tambem acontece no corpo da igreja, despejam dos algerozes dos telhados. Quem olha hoje para esta parte do edificio, toda cheia de remendos dealbados, não vê ao primeiro aspecto senão um cáhos: só depois descortinará mais bem concertadas proporções. Ao pé da igreja ficavam dois botaréus elevados, que deviam encubrir os degraus ou passadiço que por cima de uma especie d'arcobotante daria para o coro. — Frequentes são estes modos de communicar nos edificios de epocha anterior, como a Batalha póde dar exemplos. —

Estes dois grandes botaréus mencionados eram seguidos de quatro menores; vinham dahi outros dois grandes acompanhados de mais quatro menores, o que se repetia mais duas vezes — e no fim terminava ao poente o dormitorio alto, como ainda hoje se vê, e sustentado por cinco delles maiores. — Rematavam estes em pinaculos mais elevados; os dos menores consistiam apenas em certas pyramides, tendo por unico ornato uma *nacella* em espiral com lavores de meias laranjas em relevo. Entre todas estas pyramides corria de ambas as bandas um peitoril de pedra em grilhage com a cruz de Christo, mostrando-se de quando em quando.— Nesta extensão se comprehendiam de cada lado trinta e seis cellas, e nos espaços, entre cada dois botaréus dos grandes, havia janellas conventuaes, não do feitio mais moderno como as que hoje deitam para fóra, porem de aineis como tres que ainda se conservam do lado da cêrca: em cada um dos outros espaços havia uma janella pequena. — Antigamente eram os arcos abertos e formavam uma arcada, que era destinada para abrigo dos que não tinham casas em terra. Julgou-se mais conveniente utilisar esse espaço, tapando os vãos dos arcos, e augmentando assim a casa de novos alojamentos. A belleza da architectura e as intenções do fundador foram sujeitas á mesquinha lei da commodidade. — Foi ahi que esteve a alfandega desta capital depois do terremoto de 1755 até ser transferida para a Junqueira. —

O remate occidental de toda a obra devia ter uma fórma singular, — ao que podemos deduzir do que vemos actualmente. — Parece que o plano era findar o edificio em um tanque e competente cascata, da qual existe parte, alem da agua já encanada que ainda ahi corre por dois golfinhos de marmore; porem os frades aproveitaram o logar em roda para uma varanda de tomar fresco, feita como *orthostylo* de oito simplices columnas de marmore branco, e guarnecida por uma balaustrada que abrange um espaço de pouco mais de nove braças quadradas. Esta varanda não se vê senão entrando pela cêrca.

Com quanto sejamos apaixonados das arvores, e bem as desejavamos vêr mais disseminadas neste paiz, e mesmo dentro das cidades e aldêas, muito principalmente as amoreiras, com tudo não approvâmos que fossem algumas plantadas em frente do edificio, por quanto em estas crescendo o poderão senão damnificar, pelo menos encubrir, obstando a que seja a sua aparencia gosada do mar. Lembra-nos porem que já talvez de proposito fossem plantadas para se esconderem certos remendos, sujos de branco, envergonhados de estarem tão patentes; — ou póde ser que para pelos seus intervallos aparecerem

« Quaes por entre devezas louçaãs nymphas »

as garridas janellas modernas em todos os tamanhos....

IV.

O PORTICO por onde hoje se chega á entrada principal da igreja mascarou por tal arte a fronte desta que apenas a custo se póde atinar com o projecto que já em grande parte fôra posto em execução.

O meio do esguio e comprido quarteirão dos dormitorios, correspondia na primitiva á porta principal situada entre dois botaréus bem lavrados. — Ao limiar desta chegavam os raios do sol depois de atravessarem o intervallo descuberto que separava o mosteiro. As torres, que por assim dizer atalaiavam a porta, podiam tambem flanquear com as suas faces do poente todo o comprimento do mencionado quarteirão por uma e outra banda.

Cada torre tinha em baixo uma fresta ou janella, outra na altura do coro, e a final superiormente uma especie de varanda em correspondencia das ventanas dos sinos das torres. Poderia talvez communicar de uma á outra pela cimalha que fica sobre a porta, — na qual cimalha se veem gargulas espaçadas symetricamente, as quaes hoje só podem descubrir-se subindo aos telhados. Nenhuma das torres se chegou a acabar. Na do sul, que se vê no frontispicio, e que antes de muito exame parece ter sido unica, ainda chegaram as

obras até o principio dos artezões que deviam fechar a abobada do campanario, que serve de base ao coruchéu, ao qual conduzem escadas de caracol que partindo do côro são a espaços alumiadas por agulheiros. — No do norte apenas se assentaram os sócos dessa base, o que se poderá conhecer distinctamente examinando-a de perto. Por baixo da mencionada cimalha ficava respondendo ao meio da porta principal um desses vãos circulares arrendados, mui frequentes no estilo ponteagudo, aos quaes os francezes dão o nome de *rosaces*, e nós lhe temos sempre ouvido chamar «oculo» e assim lhe chama o proprio Moraes no vocabulo «luneta» que adopta na mesma accepção: espelho é o nome que lhe dão Fr. Raphael de Jesus e Fr. Luiz de Sousa — deduzindo com propriedade a metaphora do buraco circular lavrado no meio das guitarras, ao qual se dá tal nome. No logar pois desse oculo ou espelho existe hoje uma janella moderna rasgada para dar mais luz ao côro, talvez porque os frades receassem cançar a vista na leitura da *miudissima* letra do cantochão! Embaixo do mencionado oculo ou espelho devia exteriormente ir quasi tocar, elevando-se da porta principal, a flôr do remate superior desta, similhavel ao golfão, que deixando as raizes no pégo procura com seus compridos talos ir ostentar perante o sol a belleza das pétalas. — Mãos barbaras cortaram aqui esta flôr pelo pé, só para construir um pavimento em que se aproveitasse um pedacinho de chão. Vem pedreiros, levantam andaimes, accarretam materiaes, e dentro em pouco eis que apparecem uns poucos de homens com vertiginosa furia esfolando paredes, escalavrando esculpturas, e derribando muitas pedras; — separando, para encaixar seja aonde fôr, algum pedaço que acertava de cahir com esculptura inteira. Tapam-se umas janellas, rasgam-se outras, alguns rapazes levam para fóra em cestos o entulho que se vai amontoando: — emfim, desenvolve-se em taes obras a actividade do costume nas cousas de que só mal resulta. Porfim um leigo que se dizia architecto dava o risco para um ridiculo *pronaos* a fim de encubrir a porta principal da igreja, offerecendo por cima aos frades commoda passagem para o côro, — construindo uma casa á qual se inculcou o pretexto de ser destinada a conter os retratos dos reis de Portugal.

Digâmos porem o que encontra de notavel quem entra o portico moderno. A primeira cousa que vê logo á direita é um altar de pedra desguarnecido, por baixo do oratorio do Senhor Jesus dos Navegantes, que encobre uma das janellas baixas da torre que felizmente escapou, quando outro tanto não succedeu á sua parceira. Segundo quer o Sr. A. Castro esse altar foi o proprio em que se disse a missa de despedida de Vasco da G., a qual talvez avivasse a elrei a lembrança de fazer o convento naquelle logar. — A este respeito nada dizem Gaspar Corrêa e Castanheda: este ultimo falla apenas da procissão com que os nauticos sahiram de Nossa Senhora de Belem para o embarque. Barros é mais extenso, e não se es-

quece da mencionada missa: eis-aqui as suas palavras: «Postos os « navios em Rastello, logar de ancoragem antiga, um dia ante da sua « partida foi (o Gama] ter vigilia com os outros capitães á caza de « N. S.ª da invocação de Bethelem situada neste logar de Rastello, « a qual naquelle tempo era uma hermida que o Infante D. Henri- « que mandou fundar, onde estão ainda alguns freires do convento « de Thomar para administrarem os sacramentos aos mareantes. Ao « seguinte dia que era sabbado 8 de Julho [1497] por ser dedicado « a N. S.ª, e a caza de muita romagem; assi por esta devoção co- « mo por se irem espedir dos que iam na armada, concorreu gran- « de numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar de Vasco « da Gama os freires da caza com alguns sacerdotes que da cidade « lá eram idos a dizer missa ordinaria, uma devota procissão com « que o levaram» &c. —

Contiguo ao altar mencionado fica, entre duas toscas columnas de cada lado, a entrada da portaria. — No tympano do frontão desta porta, ou para melhor dizer, por cima da base do frontão sem empenas, se lê uma inscripção latina que allude ao fundador. Entrando-se esta porta se chega á casa que conserva como guardado todo o trabalho da esculptura e estatuaria — que resta na porta principal. — Algumas loisas de sepulturas lageam ahi o chão; a obra do tecto demonstra que houve com ella intento de imitar o systema d'artezões da igreja; mas fez-se isso com mui pouca felicidade no exito.

A porta principal não obstante ficar á direita de quem entra, e não em frente, chama logo a attenção do observador entendido. — É formada d'um arco revirado ou de volta composta de talões, porem mui abatido. As hombreiras e suas guarnições são mui ornadas — tendo cada uma quatro nichos com anjinhos. — Pela parte superior estão dois cherubins de pedra sustentando as armas de Portugal, — tendo por cima uma esculptura do natalicio de Christo, e mais abaixo uma da Annunciação ao lado esquerdo, vendo-se á direita na mesma altura a Adoração dos Reis. — De cada lado da porta cubertos por lavrados baldaquins, e sobre os capiteis de fustes enroscados entre dois nichos de imagens se veem de joelhos effigiados ao natural e com os competentes vestuarios o rei fundador, e sua mulher D. Maria, viva quando esta porta se fez. Póde ser que dahi se devam tirar os dois retratos mais parecidos destas duas pessoas reaes. — No capitel ou peanha sobre que está o fundador se vê a sua esphera armilar, e no da rainha castelhana o escudo bipartido de Portugal e Castella. Segue-se para cada um dos lados dois botaréus, tendo cada um tres nichos com imagens de Santos. Parecem mui baixos, e natural é que fossem cortados e arrematados com os vasos quando ahi se fizeram as obras. A cada lado segue mais um nicho com uma figurinha, cercado tudo de bem cinzelados lavores que foram partidos na occasião em que se fizeram as obras acima mencionadas.

V.

Porem é já tempo de deixar de estar parado á porta. Entremos na igreja. Quando effectivamente se entra figura-se esta muito baixa, e em verdade ahi não terá mais de tres braças d'alto, ficando o resto de altura occupado pelo côro que entra algumas oito braças pela igreja adiante; sendo esta em tal extensão muito estreita por ter de cada lado duas capellas, das quaes as primeiras foram construidas para ter altares, que vinham a ficar por baixo dos dois coruchéus das torres se acaso estes se fizessem. — São aqui mais dignos de attenção não só a curva e lavor dos primeiros dois arcos de igual altura que ficam aos lados, mas tambem o dos tres que se prolongam com as naves, dos quaes o do meio é mais largo e obtuso. Alem disso chamam a attenção do espectador os grossos artesões ou ribetes do tecto, cujos florões ou molduras *interseccionaes* contém as armas portuguezas, a esphera do fundador, a cruz da Ordem de Christo, &c. — As columnas dos referidos arcos, guarnecidas a meio por um bocel lavrado, são torsas, e por esta fórma se prolongam pela archivolta até se encontrarem no fecho: estas voltas tem analogia com algumas do estylo de Tudor que se veem na cathedral de Norwich contemporanea a este mosteiro. — Começam em dois arcos

e vão fechar-se nas direcções normaes destes, ou em outros dois arcos cujos raios se suppõem de grande extensão para terem aquelles menor curvatura.

A capella que fica á direita recebe a luz por uma fresta que deita para fóra — mencionada no capitulo anterior; tinha ainda outra fresta que como dissemos foi tapada e encuberta pelo oratorio do Senhor dos Navegantes. Na parede fronteira fica um altar com tres imagens, sendo digna de menção especial a de S. Leonardo, que elrei D. Manuel recebeu como presente do papa. Por todas as outras paredes se veem imagens e reliquias, que eram da capella d'elrei D. Sebastião, o qual no seu testamento feito em Lisboa aos 13 de junho de 1578 — antes de se ir a sepultar em Africa, ordenou que por sua morte ellas se conservassem em deposito neste mosteiro, em quanto assim fosse da vontade de seus successores. —

Na capella do lado esquerdo — chamada do Senhor dos Passos — quasi não apparece senão obra de talha dourada de madeira que com essas columnas salomonicas de máu gosto, guarnecidas no fuste de parras e cachos d'uvas serviram tanto ha mais de um seculo para encubrir ás vezes primores de architectura e de esculptura. — Esta capella dos Passos está resguardada por uma grade de ferro fechada; e a outra fronteira, de S. Leonardo, por uma balaustrada de madeira.

Proseguindo adiante vemos á direita junto á parede que deita para esta ultima capella um sarcófago singelo e não acabado, que o Sr. D. Pedro 2.° mandára fazer para encerrar o corpo de seu infeliz irmão D. Affonso 6.° — Seguem-se os tres arcos sobre os quaes termina o côro: cada um delles corresponde a uma das naves que lhe fica no prolongamento. A abobada do vão do arco do meio é moderna, como se deduz logo do lavor dos artezões. Foi construida [bem como o que distinctamente ahi proximo se descobre haver sido ha pouco reedificado] depois do terremoto de 1755 que abalou parte da igreja.

Apenas o espectador traspassar estes ultimos arcos elle receberá a impressão grandiosa inspirada pela largura da igreja, pelo achatamento da abobada — igualmente alta nas tres naves, e pelos lavores dos pilares que a sustentam. O angulo optico não póde abranger senão parte, mas isso mesmo dá variedade de impressões. — Tem o corpo da igreja nove braças de largura, e segundo a nossa aproximativa medição o comprimento total não chega a trinta e cinco. — E ainda que alguns lhe assignem mais tres, pela nossa conta a distancia desde a porta da igreja ao primeiro degrau do cruzeiro é menor do que vinte braças; este ultimo tem sete; a capella-mór, até o ultimo degrau de pedra, quatro; e o altar apenas occupa duas e meia. — Assim vem a ser pouco menor que a da Batalha, e muito mais pequena do que a d'Alcobaça, que tem de comprido quarenta e tantas braças. — A altura da abobada, se o habito de ava-

liar a olho nos não atraiçoa desta vez, é menor do que a da nave do meio da Batalha; deve andar por umas nove braças como a d'Alcobaça: a do cruzeiro é com tudo um pouco mais alta e bem artezoada: os florões ou bossetes nos fechos octogonos, são cubertos de outros maiores — ao que parece de metal — pintados com espheras armillares, cruzes da Ordem de Christo, e não distinguimos já bem se o leão do timbre de S. Jeronymo, deixando-se com tudo ver ainda o seu barrete de cardeal. Não podémos divisar ahi inscripções algumas, nem julgamos que ellas existissem mais do que na credulidade dos que imaginaram te-las visto neste logar.

VI.

A ABOBADA da igreja é, juntamente com a do cruzeiro, sustentada pelos seis pilares de base circular, e com pedestaes que separam as tres naves; sendo iguaes em tamanho os quatro do corpo da igreja, e muito mais fortes que elles os dois que separam o cruzeiro. — Ha mais dois meios pilares da grossura dos primeiros, que parecem firmar sobre o côro. Todos foram apreciados, e tidos por de um gosto tão novo para França, pelo architecto barão de Taylor, que veio a Lisboa mandado pelo rei dos francezes em 1836, que não se contentando com tirar delles os desenhos, os mandou modelar em gesso pelo natural, — até a altura de 50 palmos os grandes, e de 38 os pequenos. Mencionâmos este facto para que se não estranhe o insistirmos em os descrever mais miudamente do que será talvez do apetite da maior parte dos leitores, e de uso em descripções desta natureza. Começaremos pelos quatro menores, reservando para logo os outros dois.

Tem os referidos pilares á superficie exterior oito columnellas [adoptando do latim esta palavra de que carecemos] em meio relevo desde cima até abaixo, sendo porem em toda a altura a superficie do fuste interceptada por tres cordões ou aneis que as dividem em

quatro porções ou andares. Os oito intervallos das columnellas estão profusamente lavrados com festões e brutescos que comprehendem figuras humanas, monstros, animaes, passaros, &c. Tanto nesta especie de hieroglificos, como nas columnellas e cordões, fazem taes pilares recordar as columnas egypcias. — No meio do segundo andar estão rasgados nos oito mencionados intervallos outros tantos nichos inhabitados; os dois meios pilares que parece assentarem no côro só começam com o 3.º andar, e tem cada qual seu morador de pedra. A parte destes meios pilares voltada para o côro foi mascarada com duas pilastras modernas, que ahi se uniram naturalmente com fim de sustentar ao meio da frente do côro «um grande espaldar e docel de damasco e veludo levantado sobre um altar de madeira com um crucifixo de tamanho maior que o natural, e um pequeno painel antigo, representando de um lado a Ressurreição e do outro N. Senhora e S. Jeronymo vestido de cardeal intercedendo por elrei D. João 3.º, sua esposa e mais familia real todos ajoelhados e com os nomes em letra dourada nas cabeças.» O Sr. A. M. Couceiro, a quem devemos esta curiosa nota, teve a boa lembrança de tirar fóra todo este altar, que não permittia gosar tão bem da architectura, mandando a imagem para uma das capellas da igreja e guardando o importante painel n'uma das capellinhas do dormitorio.

O côro foi como dissemos concertado em boa parte depois do terremoto. Talvez que só desde esse concerto é que se lhe arranjou a balaustrada que deita para a igreja. Consta de cinco balaustres entre cada dois acroterios sem *alhetas*. Defronte dos meios pilares arquea a sacada para fóra: é ella sustentada sobre um friso dorico com triglyfos e metopas e ornado de cabeças de victimas, descendo dahi uns troços que vão terminar em misulas nos dois pilares dos tres arcos por baixo do côro. É este sufficientemente espaçoso e guarnecido de cadeiras de espaldares de madeira de bordo, obra de valia neste genero: os mesmos espaldares servem de moldura a quatorze paineis; doze do apostolado, o de S. Jeronymo e outro de St.º Agostinho; — todos de pintura moderna de pouca importancia. Alem destes estão ahi mais dois quadros, e duas imagens do Senhor por baixo. — Ha no côro actualmente tres orgãos: dois grandes encostados ás paredes lateraes, e um pequeno que hoje serve. — No grande do lado do Evangelho, que tem muitas e excellentes vozes, lê-se = *Manuel Machado Teixeira de Miranda o fez e o acabou no anno de* 1781. = O da Epistola, igual ao outro em rico lavor, parece que se não chegou a acabar, e tem este distico = *O Ex.mo D. Fr. Diogo de Jesus Jardim sendo bispo de Pernambuco mandou fazer este orgão no anno de* 1789. =

O orgão pequeno era da capella real da Ajuda, e foi pelo governo cedido á Casa Pia pela extincção da Patriarchal, a fim de servir ao uso das orfaãs, e está no logar do altar que se tirou fóra, ao pé do meio pilar da Epistola.

Os livros do côro eram primorosamente illuminados por Francisco de Hollanda, segundo é fama, e se guardavam por baixo do orgão da epistola em logar apropriado. — Na parede do lado opposto estão ainda as duas portas que davam dahi communicação para o cruzeiro da igreja e para o claustro. — É uma dellas baixa — da altura de uma pessoa e de verga horisontal, e a outra mais alta e curva com um ornato em cima que representa entrelaçadas as lettras *J H S*, que se vêem em outros varios logares do edificio.

O tecto é como o do resto da igreja, de abobada abatida, e todo de artezões, que se estribam nos capiteis dos pilares e paredes lateraes. Os capiteis são guarnecidos de folhagens e um ábaco, constante apenas de um toro ou bocel; donde partem correspondentemente aos intervallos entre as columnellas os quatro artezões para cada lado, que vão encontrar nas naves lateraes com outros quatro, que na parede se reunem em umas mísulas ou antes troços pendentes semicylindricos, lavrados de nacellas enroscadas, em cujos socos [lisos na parede da Epistola e cobertos de folhas na do Evangelho] se vêem ainda argolões de ferro, que servem de suspender os individuos que vão sacudir e limpar as paredes e tectos.

Os vãos entre os referidos troços correspondentes aos pilares estão rasgados com janellas, cujos vidros não acreditâmos terem sido de côres ainda que assim no-lo querem affirmar. — As do lado da epistola ficam mencionadas na descripção do frontespicio. — As da parede do evangelho, situadas mais alto, são menores e de volta inteira, sem impostas e com lavores singelos nas hombreiras e archivoltas. Em baixo ha deste lado sete pequenas portas, contendo por cima outros tantos nichos cobertos por elevados e nobres baldaquins, cada um de sua feição; porem todos arrendados e de laçarias, sobresahindo á parede e com os remates superiores em cruz, lizes, pyramides, &c. — Estes nichos servem ás vezes para se collocarem castiçaes com luzes a que os mencionados baldaquins servem de chaminés! — Essas sete portas, e mais cinco que ficam debaixo do côro [tres das quaes se não vêem] dão para uns cubiculos que servem de confissionarios: não tem dentro sahidas, mas apenas umas grades ás quaes chegam os penitentes por outras doze portas que lhes correspondem para o claustro. —

Deixemos porem o corpo da igreja, e caminhemos para o cruzeiro. — O chão que se piza é todo lageado de ladrilhos de Hollanda, roxo e azul, collocados em sentido diagonal das paredes, e frequentemente empregados neste edificio. — Vejamos primeiro os dois pilares polistylos que se enfileiram com os outros menores do corpo da igreja.

Cada um delles póde considerar-se como resultado de quatro menores enfeixados, deixando em cada um mais baixos os nichos singellos que nos primeiros mencionâmos. Alem destes ha aqui nas quatro reintrancias da união outros tantos nichos maiores de balda-

quins, mas tambem sem santos. — Em cima não tem capiteis: são coroados de uma especie de ábaco circular formado de um ovalo ornado de meias laranjas sobre dois filetes e guarnecido por um listello; ficando ornados de folhagem os saimeis donde partem não só os artezões como os tres arcos correspondentes ás tres naves. — O do meio, sobre cujo fecho se veem entre duas espheras as armas portuguezas, até onde podémos apurar com a vista, é de volta mais elevada do que a inteira; — e é o arco desses que Willis denomina *Stilted arch*, ou chega ainda talvez a curvar um pouco para dentro, e constitue quasi a volta de ferradura á mourisca. — Os outros dois lateraes são de ponto subido, o que era essencial para serem mais estreitos tendo a mesma altura. Junto a estes pilares polistyllos mandaram os frades encostar dois pulpitos modernos e com escadas, naturalmente porque ficavam longe do povo os dois riquissimos em esculptura contiguos á capella-mór e da fundação primitiva. Diz-nos o Sr. Couceiro que quando administrou a Casa Pia tinha incumbido a pessoa entendida o tirar fóra esta prova e testemunho do máu gosto dos frades; o que infelizmente não chegou a realizar-se.

VII.

A ABOBADA do cruzeiro de Belem é obra ainda mais digna de admiração do que a da casa do capitulo na Batalha. É a desta menos abatida e tem setenta e duas braças quadradas, quando o cruzeiro conta onze de largura sobre sete no sentido longitudinal, e vem assim a dar maior superficie sustentada sem o auxilio de um só pilar. Ha no tecto uma combinação de artezões que se vão estribar principalmente 1.° nos dois pilares polistylos e nas misulas que ao pé do arco do altar mór correspondem aos saimeis daquelles — 2.° nas misulas dos cantos do mesmo cruzeiro que ficam na mesma linha das paredes das naves — 3.° nos fechos dos arcos, tambem de volta inteira, das capellas lateraes. —

Antes de entrarmos nestas vejamos o que ha de mais notavel no correr das paredes. Em cima, aos lados do arco da capella mór, estão duas grandes janellas, de volta redonda, pelas quaes, por deitarem para o nascente, entra de manhã muita claridade. — Ás linhas do meio de cada uma destas correspondem por baixo os eixos de duas columnas lavradas sustentadas em misulas e coroadas de capiteis, que tinham destino de servir de peanha a duas imagens. — Cada uma das mencionadas columnas divide dois altares, sendo os quatro vasados

por igual na parede com excellente lavor de pedra em roda, e tendo por cima a esphera armilar e as armas de Portugal. No vão dos mesmos altares antigos estão outros de talha dourada no gosto moderno, que d'aquelles se tem apossado. N'um delles ha uma imagem de S. Jeronymo feita de porcelana, muito reverenciada dos devotos e admirada por todos os entendedores. — Aos lados da capella do cruzeiro, da banda da epistola, ha mais dois altares quasi no mesmo gosto architectonico dos quatro mencionados e tambem n'um estado identico. No topo fronteiro correspondem áquelles duas portas cujos arcos são de excellente lavor contemporaneo. — Conduz uma d'estas ultimas portas, — que é a mais proxima do altar mór, á casa que serve de sacristia e a outra deita para a crasta. No pedaço de face contigua está outra porta, que dá entrada para a escadaria que por dentro da propria parede conduz ao côro. Por cima desta estão devolutos dois nichos de baldaquins arrendados, a que correspondem no outro braço dois similhantes situados na mesma altura.

Voltaremos a entrar pelas portas de que fallámos; mas primeiro tratemos das duas capellas dos topos do cruzeiro e da capella mór. — Tem cada uma daquellas sua janella ao nascente: a do lado da epistola tem de mais na parede do sul a luneta aberta modernamente, como mencionámos [III]. Desta não se póde gozar a vista porque tem na boca uma tapagem de madeira muito pintada e dourada, com um cortinado ao meio; mas por nosso gosto ahi deslocado; — e conviria muito vencer a todo o custo certas devoções mal entendidas dos habitantes de Belem para desembaraçar esta capella de todos os objectos que lhe deviam ser estranhos. — Dentro está um presepe a que uma balaustrada impede de chegar sem licença a examinar os tumulos ahi existentes dos filhos de D. João 3.º; a saber: dos principes D. Filippe e D. Affonso, e da Infanta D. Isabel e D. Brites; dos infantes D. Diniz e D. Antonio, e dos principes D. Manuel e D. João pai de D. Sebastião, cujos corpos alli jazem dois a dois pelo modo que os mencionâmos; — alem de um cenotaphio contendo ossos que muito tempo depois da batalha de Alcacerquibir se disseram ser os de elrei D. Sebastião, e ahi figuram como taes, ainda que muito se deve delles duvidar, porquanto a sua vinda foi no tempo dos Filippes, naturalmente com intuito de acabar com a crença numerosa dos sebastianistas patriotas de quem arreceavam alguma tentativa de independencia. Uma sepultura raza contem os ossos do arcebispo de Braga D. Duarte, filho natural de D. João 3.º Tambem ahi jaz depositada a rainha portugueza, mulher de Carlos 2.º de Inglaterra.

A outra capella fronteira, apezar de guarnecida da mesma sorte de uma igual balaustrada, está patente: tem cinco altares, porem o que nella ha de mais notavel são tambem os tumulos que encerra e alguns quadros de pintura. — Ficam os restos mortaes do cardeal rei em frente de quem entra, e aos lados em dois tumulos os dos infantes

D. Luiz e D. Carlos, D. Fernando e D. Antonio; n'um dos outros os de D. Duarte e sua irmaã D. Maria. Tambem jaz o cardeal D. Affonso que, como é sabido, inda era criança de oito annos quando recebeu do papa a dignidade do cardealado.

Todos estes nomes constam dos epitaphios que pela maior parte se não podem lêr por estarem encubertos debaixo dos paineis a oleo, dos quaes dois são de algum merito. Por cima destes fizeram na parede uma especie de platabanda de lavores modernos de varios marmores de côres e alguns embutidos, que tambem accusam o pouco gosto do artista que tal fez. —

Antes de passar á capella mór deve chamar-se a attenção do aspectador a dois riquissimos pulpitos embutidos nos angulos com primorosa esculptura nos peitorís e baldaquins. O do lado do Evangelho foi levado em modelo de gesso para França pelo architecto Taylor que mencionámos. —

VIII.

Ao chegar-se á capella mór que uma balaustrada de marmore branco separa do cruzeiro, esquece-se o indagador curioso que está em Belem. Vê-se circumdado de marmores polidos de varias côres: uma columnata jonia o rodea, e sobre o entablamento desta fica outra corinthia, cada uma de 16 columnas: a abobada é apainelada de almofadas de marmore, formando meia rotunda da banda do sacrario. — Nos intercolumnios da ordem superior se veem no retabulo tres paineis e seis janellas rectangulares e iguaes, a que respectivamente correspondem na inferior, 1.° o sacrario entre outros dois paineis [attribuidos ao celebre pintor portuguez Lopes — do tempo d'elrei D. João 3.°] — 2.° aos lados e por baixo das primeiras duas janellas superiores outras duas iguaes; e por baixo das quatro restantes outros tantos vãos na parede, sustentados por arcos, nos quaes se veem sobre elefantes anões do marmore cinzento de Cintra *[Stink-stein]* quatro grandes urnas iguaes de marmore de côres, cada uma com sua corôa aberta de metal em cima. — Esta capella mór diz Siguença que foi mandada fazer pela rainha D. Catharina, em vez da primeira que tinha sahido pequena em demasia. São estes tumulos de elrei D. Manuel e D. João 3.° e de suas res-

pectivas mulheres as rainhas D. Maria e D. Catharina, ambas castelhanas, como tudo se vê dos competentes epitaphios latinos. — Os ossos de D. Manuel e sua mulher foram para ahi trasladados a 18 de outubro de 1551 depois de acabada a capella. —

No periodo de trinta annos, pois tantos havia que se fizera o cruzeiro, se consumára de todo na Europa a revolução da architectura. — Já Buonaroti havia sanccionado a restauração completa da architectura greco-romana. — Nesta capella mór é que julgâmos teriam só parte architectos italianos, apostolos do novo estilo triumphante.

Aos lados do altar mór ha duas portinhas que dão para escadas de caracol que conduzem aos cupulins do telhado. Atraz delle faz-se notavel um grande sacrario chapeado de folha de prata lavrada de bestiães, tendo na *porta cœli* em meio relevo a adoração dos reis magos, e lendo-se por baixo:

O PRINCIPE D. PEDRO QVE DEOS GVARDE
DEV ESTE SACRARIO A ESTE REAL MOS
TEIRO DE BELLEM NO ANNO DE 1675.

Ha quem diga, não sabemos se com fundamento, ser este sacrario obra da celebre artista Josefa d'Ayalla conhecida por Josefa d'Obidos. — Está sobre um assento de marmore de varios embutidos, por baixo do qual por um pequeno arco se entra n'um baixo cubiculo, alumiado por uma escaça lumieira, no qual estão alinhados tres caixões de defuntos. — O do meio, em que está o corpo do desgraçado D. Affonso 6.°, conserva-se de ordinario fechado. Diz-nos o Sr. Couceiro que quando tomou posse da igreja como administrador da Casa Pia o achára aberto, e o mirrado cadaver de elrei quasi sem o vestido de cavalleiro da ordem de Christo que tivera sobre o habito de S. Francisco, em que estava amortalhado — tambem rasgado e com alguns pedaços de menos. O Sr. Couceiro mandou fazer outro vestido de cavalleiro, vestiu-o sobre os restos da mortalha, mandou forrar o caixão de novo, conservando a chave sob a sua guarda. Hoje tem-na o sachristão que della s'aproveita para ganhar esportulas aos curiosos, a qual será mais avultada se elle levantar a cabeça do cadaver e a deixar outra vez cahir com grande tombo. — Nos outros dois caixões jazem depositados, n'um o principe D. Theodosio contra as disposições da ultima vontade de seu pai elrei D. João 4.° que ordenou fosse para S. Vicente de Fóra; e no outro a infanta D. Joanna. Estes ultimos estão sempre abertos, e quem quer vai ahi com mãos profanas remecher os ossos, já em monte, e augmentar o numero de andrajos a que se veem reduzidos os seus vestuarios. Indignação! Horror!! Nem mais forças temos para nos explicar a tal respeito. Fujamos deste logar.

IX.

Passemos á casa que serve de sachristia. É espaçosa; — artezoada no mesmo gosto da igreja, e sustentada ao meio por um pilar, em redor do qual parece que, segundo o primeiro destino, devia ser a pia do lavatorio, para que se julga fôra esta casa destinada. Tem em redor uma commoda onde se guardam os paramentos que constituem, como em Mafra, porção das riquezas da igreja, sendo digno de memoria um de veludo carmezim que se diz bordado em parte pela rainha D. Catharina que o doou ao convento. Ficam por cima quatorze antigos quadros pintados em madeira contendo a vida de S. Jeronymo — e pelas paredes outros de nenhum valor. — Ha tambem ahi entre duas janellas de columnas que deitam para o nascente tres portas, — uma que devia conduzir para a sacristia e casa do capitulo quando se fizessem; porem que hoje dá apenas para um cubiculo, que serve de lavatorio; diz outra porta para a crasta ou claustro inferior, e a terceira conduz a uma escada para cima.—

Cabe aqui fazermos menção da custodia que pertencia a este convento e foi feita por Gil Vicente [—naturalmente o filho do poeta comico—] do primeiro ouro que se diz trazido de Quiloa por Vasco da Gama, quando pela segunda vez voltou dos mares da In-

dia. Foi essa custodia doada ao mosteiro por elrei D. Manuel em uma verba do seu testamento. Hoje guarda-se na casa da moeda para onde veio quando tudo se recolheu em Lisboa para dentro das linhas de defeza em 1833. — O seu maior valor procede das recordações e do feitio, porquanto o peso d'oiro não excede a 233$600 réis segundo lemos no folheto do Sr. abbade Castro. —

Outras raridades nomeadas existiam neste mosteiro, como eram na livraria os ricos volumes da celebre biblia que elrei D. Manuel lhe doou, escripta primorosamente em pergaminho com dourados e illuminuras; o *Mestre das Sentenças*, um volume em quarto grande, não tão rico como a Biblia, &c. — O primeiro foi levado por Junot, a titulo de o remetter a Napoleão; mas ficou de posse delle. Foi á viuva desse general que o marquez de Marialva o comprou por quarenta mil francos, que deu o governo de Portugal para resgate deste objecto roubado. — Hoje existe na Torre do Tombo. A casa da livraria, de gosto moderno e actualmente occupada pela aula de desenho, tem a porta de entrada no claustro de cima: o pavimento é de ladrilho e um pouco elevado: a abobada de tijolo é no meio sustentada por um pilar de pedra. — Entre varios quadros distingue-se ahi um painel de S. Jeronymo. — As estantes com livros que não passaram para a bibliotheca do palacio das côrtes foram transferidas para uma sala no extremo do quarteirão do *Noviciado*, aonde estão em ordem 1500 volumes, alem de 3800 apartados para terem o destino, que for designado pelo governo visto não serem de utilidade para os alumnos. — Nesta sala existem tambem hoje os grandes livros de cantochão, manuscriptos em pergaminho, que estavam no côro; dos quaes infelizmente não resta um só inteiro; porque houve tempo em que os alumnos tomaram a liberdade de lhes cortar as ricas illuminações e de rasgarem folhas para fazerem chapeus armados e talabartes, corrêas &c. de brincadeira! Isto parece incrivel; mas aconteceu.

X.

Alem das duas portas para a crasta inferior situada, como na Batalha e Alcobaça, ao norte da igreja, que vem a ser a do cruzeiro e sachristia, ha a outra principal situada junto da torre do lado do norte: — hoje chega-se a ella penetrando na portaria e tomando á direita em vez de subir a grande escada que conduz á sala dos reis. — Entrando esta porta e seguindo o claustro em frente veem-se do lado direito e por baixo de uma cinta d'arabescos que segue o cordão das mísulas as doze portas que pertencem aos confissionarios que descrevemos [art.º IV.] no interior da igreja, e com fórmas iguaes ás das que para ahi deitam. — Segue-se outra maior que conduz ao côro e ao terraço.

A largura da crasta interiormente não chega a tres braças e o comprimento anda por vinte, — tudo de abobada e tecto artezoado. Deita para o jardim, que fica no meio do quadro, uma arcaría de seis grandes arcos por lado, cujos pilares, que assim como as columnas assentam em stylobato, por ahi se profundam mais de uma braça, sendo tudo lavrado de arabescos e bestiães. — Cada arco só por si nesta profundidade constitue uma pequena abobada, debaixo da qual ficam de ordinario dois sustentados ao meio por um pilar, e

cada um delles ainda é subdividido ao meio por uma columna; — tudo com volta inteira. Em baixo do arco maximo — no vão que fica entre os dois interiores maiores, ha um olhal que tem no meio ora uma corôa, ora um R, um M, um S, uma cruz da ordem de Christo, as cinco chagas, &c. — Do S ignorâmos a significação. As outras duas letras designam sem questão as palavras Manuel Rei. — Pela banda de dentro vê-se a mencionada cruz, os lizes, e tambem o S, havendo ás vezes só um recorte em quadrado. Nos cinco grandes pilares fronteiros ás portas dos confissionarios vêem-se tambem em linha horisontal o sol e seguidamente quatro bustos em medalhões, dos quaes se diz com toda a probabilidade significarem o Oriente com os quatro heroes portuguezes que lá tinham ido quando ahi chegava a construcção; isto é, ao que parece, o Gama e seu irmão, Nicolau Coelho e Pedr'Alvares Cabral. Este ultimo busto confirma a tradicção, pois está de cara voltada para o lado opposto ao sol, commemorando assim o seu afortunado descubrimento das terras occidentaes ou Brasil. Nos outros pilares continuam a ver-se emblemas de elrei D. Manuel, esculpturas de santos, symbolos da paixão de Christo, &c. — Seguindo-se pela crasta ficam á direita as paredes, tendo ao meio de cada uma capellas concluidas, segundo Siguença, por elrei D. João 3.º, de que restam os vãos. Aos lados destes ficam no primeiro que se segue de uma banda a porta que deita para a sachristia e um retabulo sem quadro, e do outro uma porta tapada a pedra e cal, lavrada, com um pilar ao meio e duas imagens de pedra aos lados. Esta porta devia conduzir para a capella imperfeita ou casa do capitulo, ou quer-que-era, de que ainda se veem os restos ou começos, com duas janellas não acabadas para a rua de S. Jeronymo. Junto fica outro retabulo correspondente ao antecedente nomeado. — Aos lados do altar do seguinte lanço fica uma porta que devia conduzir á cêrca ou ás outras casas que se accrescentassem, e do lado opposto lhe corresponde outro retabulo em cujo espaço se abriu ultimamente uma passagem. Em cada um dos mencionados retabulos estava um quadro de pincel conhecido, — um delles do celebre Campelo. — A respeito dos outros quadros não achâmos bem concordes Virloys, Volkmar e o illustre A. da Lista dos Artistas, com os senhores conego Villela e abbade Castro, que a tal respeito escreveram. Não seremos pois nós curiosos tão pouco entendedores que accrescentaremos as duvidas que melhor decidirão artistas abalisados bem familiares com os differentes pinceis.

Contigua á porta novamente aberta fica a do refeitorio em correspondencia no mesmo claustro á outra grande por onde entrâmos. — No canto visinho do jardim está uma fonte ou chafariz, que consiste em um leão de marmore branco despejando para um tanque de lavor antigo. — Ao meio do pateo ou jardim ha um repucho com assentos á roda, ao qual se chega atravessando o grande tanque por meio de quatro pontes de lagedo em correspondencia ao meio de cada lanço.

O refeitorio no entender de Siguença, que não se contentava com pouco, pois achava as cellas pequenas, é das boas peças que elle tinha visto; — todo ladrilhado do tijollo de Hollanda branco e escuro. Tem de comprido dezoito braças — menos duas que um lanço da crasta; e de largura tres e meia. Sustenta a abobada sobre seis mísulas de cada lado no sentido do comprimento, — sobre dois cordões de pedra, por debaixo dos quaes é tudo azulejado com pinturas finas dos passos da vida de José no Egypto, &c. Entre as ditas mísulas se abrem nos vãos do lado de fóra cinco janellas abatidas compostas nas hombreiras de duas ordens de columnas. — Na parede fronteira está ao meio um pequeno pulpito de resa, e ao fim da casa uma portinha que conduz á cosinha. Esta é boa como era a de todos os frades ricos, e tem agua boa e mui notavel chaminé.

XI.

Extensa em demasia chegou aqui a descripção, e somos os primeiros a confessar que mais miuda e artistica do que litteraria e amena — mais exacta do que variada no estylo e limada na frase. — Iamos escrevendo e dando para a impressão a colheita de cada visita que faziamos ao convento e que fornecia as idéas para um capitulo. Na undecima começámos por voltar ao meio do jardim, e dahi examinámos em derredor o que assim melhor poderiamos descrever.

Cada um dos grandes pilares dos claustros tem uma gárgula no nivel do andar de cima, e exceptuando os dos angulos sustentam todos os outros vinte — seu nicho com uma estatua. — O numero dos arcos da segunda ordem é igual ao da debaixo: porem as archivoltas são recortadas.

Aos pilares inferiores respondem tambem outros tantos de base circular estriados em rosca, tendo em cima acroterios correspondentes ao seguimento da platibanda do terraço; mas sem figuras: — sobre o do meio, ao lanço septentrional, fica actualmente um relogio de sol. Nestes acroterios veem-se carrancas e biqueiras donde tem sahida as aguas do eirado superior que agora se forra de asphalto. —

Por uma porta correspondente á da entrada principal em baixo se passa do claustro superior para a grande *Sala dos reis*, á qual se chega tambem pela grande escada principal mais moderna. Tem a dita sala dos reis o tecto de madeira, e chama-se assim por conter os retratos de todos os reis de Portugal até o Sr. D. João 6.º em corpo inteiro; e igualmente entre copias dos retratos das duas rainhas, que mencionamos existirem na aula de desenho, um quadro do Sr. Sendim representando o Duque de Bragança conduzindo pelo braço a Rainha sua filha e S. M. I. sua esposa. Os retratos mencionados até D. João 3.º foram copia de outros em meio corpo, vindos, por dadiva, de um dos antigos paços reaes. Estes ultimos ahi se conservam pelas paredes de um corredor das nobres casarias do *noviciado* ou *hospedarias* que ficam por cima do refeitorio.

Visinha á Sala dos reis e sobre a capella dos Passos ha uma casa que servia de antecôro, na qual se guardam, amontoados no chão, os retratos em corpo inteiro dos principaes religiosos da ordem de S. Jeronymo em virtudes e lettras, mencionados no Diccionario Geogr. do padre Luiz Cardoso [V. Belem], cuja descripção tem servido de base a trabalhos posteriores. — Entre os por elle nomeados distinguimos os dos celebres escriptores D. Fr. Braz de Barros e Fr. Heitor Pinto, que ahi poderia copiar quem os quizesse dar á estampa como era de justiça. — Parece-nos todavia que estes quadros [que nem fazem parte da igreja, nem são necessarios aos alumnos] deveram passar á Academia de Bellas Artes, a quem toca exigi-los, para os salvar na sua collecção d'algum vandalismo. —

É tempo de acabarmos com a parte descriptiva. Só por despedida olharemos para dois hediondos carões acobreados que se acham em nichos aos lados da portaria, mostrando-se para metter nojo aos entendidos, medo ás crianças, e curiosidade a mentecaptos. Leem-se por baixo duas inscripções latinas, as quaes dizem que um dos brutos representa Hercules e outro Julio Cesar. Só a leigos de sacola seria tolerado o consentir taes papões para ver se negoceavam ás esmolas; mas foram frades Jeronymos, que viviam n'um mosteiro todo artistico, quem alli os mandou pôr, disfarçando tanta vergonha com a tradição de que os taes monstros tinham sido achados n'um entulho. — Acredite-o quem quizer, mas não nos defendam a propriedade da boa collocação de taes bustos hórridos, ao pé de uma portada magnifica.

Duas palavras para acabar. O sentimento profundo que se apossa de quem contempla este grande monumento levantado aos olhos dos navegadores portuguezes que illustraram o mundo com tanto esplendor e riqueza, e a estatua do infante D. Henrique avultando no meio do quadro mais aparatosa que todas as obras fazem achar propriedade na applicação que ao edificio se lembrára de dar uma intelligencia superior, — essa mesma que hade passar á posteridade com o mestre de Sagres, a cuja memoria mandou nesta pra-

ça levantar um padrão, — a de perpetuar este monumento as gloriosas recordações maritimas passadas, dando-lhe actualmente a seguinte applicação maritima. «Fundar ahi uma eschola para a prática da navegação e um hospital de maritimos invalidos e benemeritos, e aproveitar das suas abobadas para ahi collocar, presididos pelo infante D. Henrique, os bustos de todos os heroes portuguezes que se illustraram na Asia, na Africa e na America.»

XII.

Não poderiamos hoje dar por concluida a relação do mosteiro de Belem se não aditáramos algumas informações ácerca de um dos mais beneficos estabelecimentos existentes nesta capital, ao qual foi cedido aquelle edificio por decreto de 28 de dezembro de 1833, e que actualmente o occupa. Presâmos a opportunidade de fallar da instituição da Casa Pia, que destinada principalmente ao amparo e educação dos orfãos desvalidos, é dos institutos devidos á illustração moderna. Aos annos de 1780 remonta apenas a sua origem — quando foi estabelecida no castello de S. Jorge. Tendo sido abolida pelos invasores francezes foi restaurada no convento do Desterro em 1811, onde esteve até á ultima mencionada transferencia. Encarregado nesta ultima epocha o Sr. A. Maria Couceiro da administração da Casa, tratou logo de fazer appropriar o antigo convento ao seu novo destino, evitando comtudo que se fizessem nelle mais deturpações, antes procurando reparar ou disfarçar quanto possivel algumas já existentes. — Fez desmanchar varios frontaes e tabiques modernos, conservando-os n'um só lanço no claustro inferior, e em todos no andar de cima, [cuja cantaria está infelizmente toda caiada] por serem assim necessarios para o arranjo dos dormitorios ou camaratas

dos alumnos, mandou fazer alguns rasgamentos no interior, e esmerou-se em que os encanamentos se aperfeiçoassem e houvesse no edificio aguas bem repartidas e com abundancia: e preparava-se a receber maior numero de alumnos, quando o decreto ultimo para a reorganisação do estabelecimento fixou em mil o numero dos orfãos comprehendendo quatrocentos do sexo feminino. Depois em 15 de fevereiro de 1834 foi anexado a este o instituto dos surdos-mudos, que antes regia no logar da Luz o filantropo sueco — o coronel Borg, falecido depois dos acontecimentos de julho de 1833 por occasião que ía desta capital como parlamentario ao duque de Cadaval. A administração da Casa Pia foi em 1836 confiada ao defuncto J. F. Pinto Basto, e depois passou á commissão administrativa a cargo da qual ainda subsiste.

Em todos estes ultimos mezes o numero dos alumnos tem sido de quinhentos e vinte e tantos, dos quaes metade menores de doze annos, — entrando porem naquelle numero alem dos orfãos uns treze surdos-mudos, e quarenta alumnos pensionistas. — O numero das orfaãs tem orçado por tresentos e oitenta, contando seis surdas-mudas, sendo daquelle numero metade maiores de quinze annos. — Estão os alumnos divididos em 6 collegios, alem do dos mudos; e as orfaãs em nove. Ensina-se áquelles não só a lêr e escrever; mas conforme as aptidões o desenho, a musica, as linguas, e até passam dahi ás escholas superiores, como a polytechnica e a de cirurgia; porem o maior numero dedicam-se aos officios de çapateiro, alfaiate, tecelão, samblador, carpinteiro, latoeiro, &c. Ás orfaãs ensina-se segundo as suas propensões, alem das primeiras letras [e a algumas musica e desenho] — os trabalhos do seu sexo, como fiar, fazer meia, cozer, bordar, lavar e engomar, tecer, cosinhar, &c. e os officios de alfaiate e çapateiro. — Nas officinas são só admittidos a aprender os alumnos internos; porem as aulas são publicas, e sujeitas as cadeiras de latim, latinidade, grego, philosophia á direcção geral dos estudos, bem como o é a de ensino mutuo, cuja casa d'aula feita de novo, proximo ao lanço do claustro que fica para o norte, póde admittir 500 alumnos. — Tem 152 palmos de comprido e 45 de largo, com sete janellas para cada lado de nascente e poente, e uma tribuna de tres arcos sobre a porta, em toda a largura, do lado da entrada. — Passa por uma das melhores deste genero. —

Quanto ás officinas é nellas que se fazem quasi todas as obras da casa. Os tecelões fabricam não só os pannos d'algodão riscado para os vestidos e cubertas da cama, toalhas de mesa dos orfãos de um e outro sexo, como até objectos para a venda. O calçado dos orfãos tambem não vai fóra a fazer nem a concertar, e a roupa toda é lavada pelas orfaãs. — As officinas de latoeiro, ferreiro e serralheiro tem por sua conta toda a obra necessaria á illuminação da cidade. — A comida é a mesma para um e outro sexo; tem almo-

ço, jantar e cêa; e regula-se por 72 réis o gasto diario de cada alumno. — Muito deve a casa em economia ao desinteressado zêlo dos illustres membros da actual commissão administrativa, e á probidade e cuidado do actual director.

Não entraremos em mais particularidades. — Aproveitámos o essencial para dar idéa de um dos estabelecimentos de educação mais regulares do paiz, do qual muita vantagem se poderia colher, insistindo-se antes em promover e aperfeiçoar o ensino das cousas em que este reino se acha atrazado em comparação das outras nações europeas. Uma eschola agricola e florestal, tão sómente na parte pratica, teria todo o logar — tendo o edificio tão boa cêrca para se exercitarem. — Aqui se poderiam crear bons caseiros, que com os primeiros rudimentos das lettras e destes conhecimentos especiaes se espalhariam com vantagem pelas provincias. — Os officios de encadernador e entalhador, ainda que demasiado communs em Portugal, podiam tambem dahi receber um reforço ao seu aperfeiçoamento. — A gravura de madeira conviria talvez introduzir-se. — Para as orfaãs ha quem diga que devêra a educação ser menos mimosa do que é: tem-se observado que com raridade se tira dahi uma boa criada de servir. — Tambem lembraremos a respeito dos alumnos, tanto orfãos como educandos á sua custa, o pouco cuidado que se tem dado á gymnastica, — muito principalmente á natação, estando o mar tão perto, e sendo este exercicio tão conveniente para a saude e aceio, e até muitas vezes para a vida. São estas nossas lembranças, nascidas de bons desejos; e não de que deixemos de reconhecer vantagens na educação que se dá neste estabelecimento ainda para os que fossem destinados a mais elevadas funcções; e pela nossa parte não duvidâmos de recommendar a muitos pais de familia que não se pejem de fazer aqui educar como pensionistas os seus filhos, no que ganharão sobre os outros collegios em economia, e a quasi todos levarão vantagem de ser a educação menos vaidosa e mais propria para o homem que hade entrar no tormentoso pelago do mundo sem outros recursos alem da sua actividade; afim de que não se veja completamente estranho aos primeiros contratempos e revezes da sorte, como quasi sempre succede aos que educados até aos 14 annos em mestras de meninas passam dahi á tutela de um pedagogo, que para gozar a pensão pecuniaria os amima e os perde fazendo-lhes todas as vontades. — A educação em commum leva a vantagem de dar aos alumnos uma primeira idéa do que são os homens, este mundo e a sociedade.

NOTAS.

I.

O principio da presente descripção apropriou-se ao jornal, para onde foi destinada a publicar-se aos pedaços. O *Panorama* tinha já tratado da sé de Coimbra e dos conventos de Thomar, Batalha, e Mafra, e achámos opportuno invocar esses monumentos conhecidos dos leitores antes de entrar no de Belem, que lhes iamos appresentar.

Os documentos historicos que nos serviram foram, alem dos que se acham nas *Provas da Historia Genealogica* T. 2.º pag. 255 e seguintes, e do *Libro primero de la Historia de la orden de San Geronimo por Fr. José Siguença*, *Madrid* 1605, *(pag.* 33*)* — os seguintes autographos ineditos pertencentes ao *Corpo Chronologico* do R. archivo da Torre do Tombo, e ahi guardados nos logares que designâmos:

1.º Alvará para se entregarem 50 quintaes de pimenta a Lourenço Fernandez para as obras do dito convento. — De 12 de Novembro de 1511 — *(Parte* 2.ª, *Maço* 29, *Docum.* 72*)*.

2.º Dito para pagar ao convento a vintena que lhe pertencia haver na casa da India. — De 16 de Dezembro de 1512 — *(P.* 2.ª *M.* 36 *Doc.* 10*)*.

3.º Dito para os officiaes da casa da India remeterem para Flandres tres mil e quinhentos quintaes de pimenta, alem de quinhentos para as suas obras. — De 9 de Maio de 1513 — *(P.* 1.ª, *M.* 12, *Doc.* 116*)*.

4.º Carta de D. Jaime a elrei sobre as desordens que cometeu o provincial perturbando certa diligencia e appellando para Roma. — De 22 de Novembro de 1513 — *(P.* 1.ª, *M.* 13, *Doc.* 99*)*.

5.º Bulla do Papa Leão X, por que isentou o dito convento de pagar dizimos. — De 24 de Setembro de 1516 — *(P.* 1.ª, *M.* 20, *Doc.* 106*)*.

6.º Alvará para se darem a Aleixo Pires, serralheiro, 40:000 r.s por conta das grades de ferro que fez para as vidraças de oito janellas da capella-mór. — De 2 de Abril de 1523 — *(P.* 1.ª, *M.* 29, *Doc.* 47*)*.

N. B. Esta capella-mór era a primeira, que depois por ter sahido pequena em demasia se desmanchou e construiu a actual de gosto moderno, segundo diz Siguença, e se vê ainda dos logares da sua união.

7.º Alvará mandando dar mil cruzados a João de Castilho. — De 23 de Setembro de 1522 — *(P.* 1.ª, *M.* 28, *Doc.* 90*)*.

8.º Dito nomeando o dito João de Castilho mestre das obras da Batalha. — De 4 de Junho de 1523 — *(Liv.* 14.º *da Canc. de D. João* 3.º *fol.* 138*)*.

9.º Dito para se darem ao convento 25 moios de trigo de esmola. — De 23 de Maio de 1529 — *(Corp. Chronol. P.* 1.ª, *M.* 42, *Doc.* 129*)*.

10.º Dito para se darem a Gaspar Dias vinte mil réis para a despeza das obras do dito convento. — De 16 de Maio de 1534 — *(P.* 1.ª, *M.* 52, *Doc.* 143*)*.

11.º Carta do Licenciado Fernando Cardozo a elrei sobre a composição dos padres com os herdeiros do Dr. Pedro Beringer, &c. — De 30 de Janeiro de 1553 — *(P.* 1.ª, *M.* 89, *Doc.* 72*)*.

12.º Dita de D. Affonso a elrei sobre a sentença que alcançou na Rota contra o cabido da sé de Lisboa a respeito da dizima do pescado. — De 11 de Dezembro de 1558 — *(P.* 1.ª, *M.* 103, *Doc.* 22*)*.

13.º Ditas de homem das obras de Belem a Diogo Pires [de 4 de Abril de 1514] e a João Lopes. — *(Liv.* 15 *de D. Manuel fol.* 65 *e* 167*)*.

Entre as obras de Castilho em Coimbra talvez se devam tambem enumerar os claustros do mosteiro de Santa Cruz, e o risco da cappella do Sacramento da Sé velha. Esta ultima porém foi continuada depois da sua morte e pode ser que concluida no anno de 1566 que no tecto della se deixou exarado.

Quanto á época do começo das capellas imperfeitas eis o conteúdo da verba do testamento de elrei D. Manuel.

« Item rogo muito e encomendo *que se mandem acabar as capellas da* « *Batalha*, naquella maneira que melhor parecer, que seja conforme a ou- « tra obra, e asy lhe dem entrada para a Igreja do Mosteiro da milhor ma- « neira que parecer: e mandem mudar para ellas, sendo primeiro de todo « acabadas e asy seus altares, e todas as outras cousas necessarias — ElRey « D. Duarte *que foy o primeiro principiador dellas*, e assy elrey D. Affonso « meu thio e ElRei D. João, que Deos aja, e o Principe D. Affonso meu « sobrinho »

Facil é deduzir que tendo sido começadas cada uma das capellas com igualdade por elrei D. Duarte e ainda sem destino determinado, receberam-no provavelmente em tempo de elrei D. João 2.º ou D. Manuel quando estando já determinadas as leis da armaria se disposeram nos tectos os respectivos escudetes e emblemas. Consulte-se o que diz o sabio A. da *Memoria* da Batalha p. 219 do T. X. da Academia.

II.

O assumpto deste capitulo carecia de maior desenvolvimento, em que ainda não julgâmos opportuno entrar, nem o deviamos fazer aqui no espaço de uma nota. Com mais vagar diremos com os factos e documentos o que era a associação secreta de todas as intelligencias architectonicas, a influencia que chegou a adquirir na Europa, e que não deixou de se estender até Portugal. A ella se deveu a perfeição a que chegou a architectura chamada *gothica*, ou segundo outros *perpendicular*, e melhor ainda se dissera *vertical*; que neste sentido — mais absoluto, do que o antecedente são as linhas magistraes della. A sua classificação em grande considerando todos os paizes principaes onde aquella associação influiu ainda está por fazer. Para a Inglaterra só predomina a de Rickman, seguida por Bloxam; a qual tem pouca applicação á Peninsula Hispana. Se uma tal classificação *geral* estivesse feita, póde ser que na classe *geral* = *Debased* = ou *Degenerada* = se podesse comprehender o genero ou estyllo, cujos caracteres deduzimos de Belem e dos outros edificios nomeados; aos quaes poderiamos ainda accrescentar o convento de Jesus em Setubal, a porta do Amparo á Mouraria (n.º 23), &c. — Para a nota final reservamos algumas explicações ácerca de varios vocabulos architectonicos e sua synonimia.

III.

De duas estampas do exterior do mosteiro no seculo passado; uma acompanhando o retrato do marquez de Pombal por occasião da expulsão e embarque dos jesuitas, e outra do Almanach de Lisboa de 1794 publicado pela Academia vê-se que já então os arcos eram fechados e estava feito o oculo na caixa do cruzeiro. O que porém ainda não estava tão adulterado era o quarteirão por cima dos ditos arcos; pois ainda se distingue nellas a regularidade primitiva que hoje a custo se descobre e que procurámos explicar. Parece tambem que a principio o vestibulo moderno para a entrada terminava em cima n'um frontão e não em casinholas como hoje.

E aqui insistiremos de novo — seja embora malhar em ferro frio — na conveniencia da organisação de uma sociedade como a de Oxford para tomar á sua conta a conservação dos monumentos nacionaes. Ahi apareceu ha mais de um anno o nome e a gente para uma; mas ficou só no nome e na

gente. Quando muito para seguir a regra geral trabalharia em fazer e discutir os estatutos e no fim delles cançou: o sangue quente arrefeceu-se e o enthusiasmo converteu-se em descoroçoamento. Assim tem acontecido a muitas sociedades que nestes ultimos annos se tem constituido quasi só para irem innocentes para o limbo. A causa disto não está sómente na inacção dos associados: mas ainda mais no nenhum caracter official que os seus trabalhos tomam. Fosse uma tal associação protegida pelo governo, consultasse-a este no modo de dispender com gosto e amor d'antiguidade os seis contos de réis que as côrtes aprovaram para a conservação dos monumentos, — e ahi estava um excellente modo de lhe dar consideração e vida. Em verdade muito teria que contar uma tal associação se se propuzesse a levar ás camaras legislativas um relatorio de como se tem ido o dinheiro que ellas tão piamente approvaram — imaginando que o alto pensamento que presidiu essa dotação seria comprehendido com amor artistico. — Enganaram-se: pelo menos da nossa parte não podemos entender o systema que hoje se segue para a supradita chamada conservação. Pois seria acaso com intuito de concorrer para a conservação do frontispicio venerando da Sé de Coimbra que sobre as suas velhas paredes de tufo meio esboroado e por cima da sua porta principal se levantou uma torre de alvenaria rebocada e se inçaram nella alguns sinos, ou foi só para fazer uma obra ridicula? — uma porcaria — que não tem outro nome. — Será por ventura para bem do mosteiro da Batalha que se remataram de novo os corucheus que foram todos derrubados pelos raios, sem lhes pôr conductores? Será para a conservação que se raspam as pedras nos restos que os raios tinham poupado, como para fingir que tinham sido os corucheus de todo feitos de novo? isto em quanto nem ao menos se lembram de engenhar um telheiro provisorio para as riquissimas capellas imperfeitas!! Louvará alguem que em Alcobaça se legitime o máu gosto dos frades, que lá para o seu commodo — levantaram um telhado sobre o eirado da igreja rodeado de ameias? Não era mais de artista, em vez de fazer telhado novo, tirar fóra o velho e ladrilhar o mesmo eirado como elle devia ser na primitiva? — Não valia isso a pena? Valia, valia, mas é que os mesmos homens é que não valem para tudo.

IV.

A respeito da propriedade do vocabulo — espelho — que Fr. Luiz de Souza adopta, cumpre não esquecer o reparo de que elle na sua applicação se enganou; porquanto deu explicação da metafora referindo-a ao convento da Batalha, que em vez da *rosace* isto é do oculo ou do tal espelho circular das guitarras tem uma fresta ou janella das outras com a só differença de ser maior. Fr. Luiz escrevia naturalmente em Bemfica, e não tendo bem de cór esta particularidade excepcional da Batalha, imaginou que devia de ser redondo o vão conforme a regra geral.

Quanto á inscripção que está sobre a porta de entrada no vestibulo moderno, e que por tanto tambem é moderna e de pouca importancia, não deixaremos de a transcrever para satisfação de algum curioso.

VASTA MOLE SACRUM DIVINÆ IN LITTORE MATRI
REX POSUIT REGUM MAXIMUS EMMANUEL.
AUXIT OPUS HERES REGNI, ET PIETATIS. UTERQUE
STRUCTURA CERTANT, RELIGIONE PARES.

V.

O testamento de elrei D. Sebastião que citámos na pag. 20 acha-se, como o de quasi todos os outros reis e rainhas, nas *Provas da Historia Genealogica*.

VI.

A respeito das cadeiras do coro devemos especificar que ha nellas alguns meios relevos primorosamente entalhados, dos quaes existem já alguns modelos em gesso na aula de Desenho da Eschola Polytechnica desta capital. — Uma particularidade se não deixa de notar nestas cadeiras que é o poder-se nellas levantar certas taboas em que os frades se encostavam, e estavam mui commodamente sentados, parecendo a quem de fóra os via estarem de pé. O que não inventariam frades!

VII.

Não podémos ver os epitaphios latinos das sepulturas mencionadas [pag. 27 e 28], e por isso os não daremos: no que aliás nada se perde; porquanto certos ou errados se encontram na *Historia Genealogica*. Alem de que ainda quando conseguissemos dá-los melhorados na possivel probabilidade de correcção, por tal fórma que fizessem sentido grammatical [o que falta a alguns como por ahi correm], são elles de tão ordinaria composição, assim nas idéas como na fórma de as expressar, — segundo a opinião dos bons latinos, que não póde interessar a estes e menos ainda aos leigos. Abaixo publicaremos os da capella-mór, que pessoalmente copiámos com escrupulo e fidelidade, o que até agora se não tem feito.

VIII.

Epitaphios da capella-mór.

1.º Tumulo de elrei D. Manuel.

LITTORE AB OCCIDVO. QVI PRIMI AD LVMINA SOLIS
EXTENDIT CVLTVM. NOTITIAMQVE DEI.
TOT REGES DOMITI. CVI SVBMISERE TIARAS,
CONDITVR HOC TVMVLO MAXIMVS EMMANVEL.

2.º Da rainha D. Maria sua mulher.

MARIA FERDINANDI CATHOLICI CAST. REGIS. F.
D. EMMAMVELIS. LVSIT. REGIS P. F. INVICTI CONJVX
MIRA IN DEVM PIETATE INSIGNIS, AC BENE DE
REPVB. SEMPER MERITA H. S. E.

3.º De elrei D. João 3.º

PACE DOMI, BELLOQVE FORIS. MODERAMINE MIRO
AVXIT JOANNES TERTIVS IMPERIVM.
DIVINA EXCOLVIT. REGNO IMPORTAVIT ATHENAS.
HEIC TANDEM SITVS EST. REX. PATRIÆQVE PARENS

4.º Da rainha D. Catharina sua mulher.

CATHARINA PHILIPPI I. CAST. REGIS. F. JOANNIS III. LVSITAN. REGIS. P. F. INVICTI CONJVX MAGNI ANIMI PIETATIS EXIMIÆ PRVDENTIÆ SINGVLARIS ET INCOMPARABILIS EXEMPLI REGINA:. H. S. E.

Pag. 32.

« O seu maior valor [da custodia de Belem] procede das recordações e « do feitio, porquanto o peso d'ouro não excede a 233:600 réis segundo le- « mos no folheto do Sr. abbade Castro. »

Logo depois de imprimirmos estas linhas tivemos que nos arrepender de não havermos ido de proposito á Casa da Moeda indagar o facto; evitáramos com isso a inexactidão dellas, e o considera-las como errata que se deve substituir do modo seguinte.

« O seu peso total é de quasi trinta e dois marcos, entrando os esmal- « tes que a ornam, e que não acodem tanto ao peso que o seu valor real, « isto é só do ouro, não seja superior a nove mil cruzados. Porém a mão « d'obra e sobre tudo as recordações constituem esta peça para Portugal « um verdadeiro monumento impagavel, — complemento do de Belem. »

Em assumpto tão curioso quizemos fallar ao publico auctorisados; e foi para isso que diligenciámos o seguinte documento, cujo original fica em nossa mão.

Illustrissimo Senhor. = F. A. de Varnhagen tendo-se encarregado de redigir uma memoria descriptiva do extincto Convento de Belem, e tendo duvidas sobre o verdadeiro valor intrinseco da custodia de ouro do mesmo Convento = P. a V. S.ª que se sirva mandar que se lhe passe por certidão o pezo da mesma custodia quando deu entrada na repartição a cargo de V. S.ª, afim de que o supplicante obtendo uma idéa exacta do valor da referida custodia — possa descrevê-la livre de toda a duvida. = E R. M.ce = Lisboa 4 de Maio de 1842. = Francisco Adolfo de Varnhagen. = Despacho. = Passe Certidão pela fórma que se requer. Casa da Moeda 4 de Maio de 1842. = O Provedor interino = Fernando José Maria dos Santos. = Certidão. = José Bruno Xavier de Magalhães, Escrivão da Conferencia e Registo, interinamente servindo pelo da Receita e Despeza da Casa da Moeda &c. Certifico que revendo o livro primeiro que nesta casa serve para se escripturarem os objectos preciosos mandados remover para a mesma casa, e pertencentes aos extinctos conventos e casas religiosas, nelle a folhas tres se acha escripturada a entrada que em data de nove de Julho de mil oitocentos trinta e cinco deram diversos objectos preciosos pertencentes ao extincto Mosteiro de Belem, e entre estes se encontra a custodia doada por elrei D. Manuel; a sua respectiva descripção é do theor seguinte — Uma custodia de ouro, do mesmo Mosteiro, que havia sido doada por elrei D. Manuel, pesando no estado em que se acha trinta e um marcos, sete onças e seis oitavas. — E para constar passei a presente em virtude do despacho retro, e vai sellada com o sello de que usa esta repartição. Lisboa seis de Maio de mil oitocentos quarenta e dois. = José Bruno Xavier de Magalhães. = Logar do Sello.

Outra obra tambem inseparavel de Belem em recordações é a celebre biblia manuscripta. Consta de sete volumes de pergaminho em folio com varios ornatos e illuminuras. Comprehende o velho e novo testamento e commentarios de Nicolau de Lira que dirigiu a obra, a qual foi executada por varios artistas em Florença nos primeiros annos do reinado do fundador; e era já para elle destinada, como se vê das armas, espheras armilares, &c. nas suas folhas desenhadas.

NOTA FINAL.

Glossario de alguns termos respectivos á architectura.

ÁBACO. — É a parte superior que coroa o capitel. Na architectura classica póde servir de caracteristico das ordens, bem como na romantica dos estylos; pois nesta ultima é elle ás vezes a unica parte do capitel descuberto e sem folhagem.

ABSIS. — Esta palavra latina está adoptada para designar o fundo de meia rotunda nos topos do cruzeiro, e principalmente no altar-mór.

ACROTERIOS. — São os ornatos que rematam os frontões elevando-se nos seus angulos. Igualmente se dá este nome a quaesquer remates que tenham pedestal, ainda quando não estejam sobre frontão.

Nas balaustradas dá-se o nome de acroterios aos postes situados de distancia em distancia entre um certo numero de balaustres. Aos dois meios balaustres que os acompanham dos lados chamam *alhetas*.

ÁDITO.—O logar sagrado do templo que entre nós christãos corresponde nas igrejas ao altar-mór.

AGULHA. — (Franc. *aiguille*, Ital. *guglia)*. Pinaculos redondos e mui estreitos ou em geral quaesquer ornatos delgados, compridos e aguçados na extremidade.

AGULHEIROS.—(Lat. *columbaria*, Ingl. *putlog-holes*, Franc. *trous de boulins)*. — São os buracos deixados nas paredes para sustentar os bailéus ou os andaimes.

ALÇADO. — Vej. Montéa.

ALMOFADAS. — Na cantaria cortada ou refendida (em Ingl. *rusticated)* ou n'alguns tectos tanto de pedra, como nos apainelados de madeira, são os parallelogramos relevados.

ALPENDRE. — Portico sobre pilares ou columnas diante da porta de algum edificio. — *Moraes*.

APAINELADO. — (Do Ingl. *panel)*. — O que é coberto de paineis. [V. este termo]. Tecto —, isto é, cheio de molduras na pedra ou estuque.

ARABESCO. — Ornamento para enriquecer as superficies planas em pintura ou baixo relevo. O seu nome procede da demasia com que o empregavam os arabes na Hespanha. Como a sua religião prohibia as pinturas e desenhos de animaes, substituiram as faxas de *arabescos* aos *bestiães* e *brutescos*, q. v.

ARANGÕES ou ARRINCÕES. — Com estes dois nomes ouvimos os mestres que trabalham na Pena em Cintra designar o que nós, fundados em melhor auctoridade, chamamos artezões: todavia aquellas palavras podem ser talvez as mais genuínas, visto que no som se aproximam mais com o correspondente vocabulo inglez *Groins*.

ARCHIVOLTA. — [Do Franc. e Ingl.] — A curva interior desde o arco de uma imposta até á outra.

ARCOS. — Distinguem-se varias especies, entre os quaes consideraremos com especialidade 1.º o semicircular ou de volta inteira, ao qual se encostam o crescente, a ferradura, o empinado e o segmento. 2.º Os arcos de *ponto subido* ou *ponte-agudos*, vulgarmente chamados *gothicos*, os quaes são, conforme a abertura dos seus lados, agudos, equilateros e obtusos. Ha tambem arcos achatados, que comprehendem o sarapanel, e muitas fórmas desde a verga horisontal até o semicirculo. Nos de ponto subido devem contar-se os revirados, ou formados em perfil de duas molduras chamadas talões *(ogee* em Inglez] os *recortados*, *&c.*

ARCOBOTANTE. — (Fr. *arcboutant*, Ingl. *archbuttress)*. — São os botareus que sustentam só as pa-

redes por meio de um arco que a ellas se vai encostar. Na Batalha não faltam; e por detraz da capella-mór da sé de Lisboa ainda se vêem varios, e no Carmo tambem.

ARRENDADOS. — Ornatos e lavores, que pelas suas muitas voltas entrançadas fazem recordar as rendas. Vid. *Laçaria*.

ARRINCÕES. — Vej. *arangões*.

ARTEZÃO. — Usa-se ordinariamente do plural *artezões*. Nas abobadas antigas são as faxas relevadas ou almofadas estreitas e continuadas que partem dos pilares e seguem pela abobada segundo as convenientes direcções angulares para bem a sustentarem, deixando celulas de permeio que se fecham com pedras de ordinario lizas. — Vej. *arangões* e *ribetes*. — Adoptámos com preferencia este vocabulo bem como o adjectivo *artezoado* [groined] porque os achámos nos classicos citados pelo Dicc. da Academia. Jacintho Freire falla do «Tecto da capella . . . apainellado com *artezões* e molduras,» — e Fr. Roque do Soveral da «formosa abobada com seus *artezões*.»

ASNA. — (Em Franc. *dos d'ane*). — Disposição angular formada por duas vergas para cobrir um vão de porta, janella, &c. em vez de arco ou de verga horisontal: é o extremo do arco ponteagudo, bem como esta ultima o é dos sarapaneis. — Usa-se tambem ás vezes da asna para cobrir canos suterraneos, pontes estreitas, &c.

ATLANTES. — Figuras ou especies de estatuas usadas em vez de columnas. Este nome era o dos romanos. Os gregos chamavam-lhe *telamones*, e *caryatides* ou *persicas* quando as estatuas eram de mulheres.

BALAUSTRADA. — Parapeito formado de uma fileira ou renque de balaustres que sustentam uma cimalha, corrimão, para fazerem um anteparo, resguardo, peitoril, &c.

BALDAQUIM. — (Ital. *baldacchino*, Lat. *umbraculum*, Franc. *lambris*, Ingl. *canopy*, Allem. *kanape*). — Especie de docel de pedra que cobre principalmente os nichos.

BANDEIRAS. — (Franc. *nerfs*, Ingl. *tracery*). — É a parte superior das frestas, ás vezes sustentadas por maineis ou pilaretes, que appresenta ornatos de laçarias e arrendados, &c. Foi termo com muita propriedade e vantagem introduzido pelo eminentissimo A. da Memoria da Batalha.

BESTIÃES. — Lavores em meio relevo na pedra, ou principalmente em metal, de figuras de animaes, &c. Differe de *brutescos* e *arabescos*, q. v.

BIQUEIRA. — Vej. *gárgula*.

BOCETE ou BOSSETE. — (Fr. *bossete*, Ingl. *boss*). — Florão ou ornato arredondado que cobre as intersecções dos artezões, como pregando-os ao tecto, ás vezes substituido por um *pendente*, e outras appresentando um *escudete*, q. v.

BOTARÉU. — (Ingl. *buttress*, Fr. *boutoir*, Lat. *orthostata*, *&c.*) Reforços collocados de distancia em distancia nas paredes, e caracter essencial da architectura chamada gothica. Antigamente eram lisos e quasi como pilastras, como ainda se vêem alguns na sé de Lisboa; depois foram-se fazendo de andares recolhidos á proporção que subiam [como em Belem] e tambem ocos por dentro para dar logar a capellas e a escadas; neste ultimo caso vêem-se na Batalha. A's vezes tambem em portuguez lhe chamam *gigantes*. *Pegões* designam mui commummente os que se arrimam aos pilares das pontes, e que ás vezes servem de *talha-mares*. *Arcobotante* [q. v.] é differente. *Estribos* é nome generico para tudo quanto ajuda a suster.

BRUTESCOS. — Alguns dizem *grutescos* derivando de gruta. Porem não é essa a etymologia para que estamos auctorisados; mas sim a de brutos ou figuras de monstros. *Bestiães* é quasi o mesmo; mas deve applicar-se mais aos lavores em metaes.

CACHORRO. — É qualquer corpo sahido da parede com destino de sustentar ou ajudar a supportar pezo superior de uma cimalha, &c.

Em Franc. *corbeau*, Ital. *corbello*, Ingl. *corbel*, *&c.*

CAMPANARIO. — (Ingl. *steeple*, Franc. *clocher*). — O seu destino é só de conter os sinos: — ás vezes fica por cima das torres.

Tambem se dá este nome á janella do sino, que melhor vemos substituir, por Fr. Claudio da Conceição, pelo nome hespanholado de *ventana*.

CARYATIDES. — Vej. *atlantes*.

COGULHADO. — Adj. — Ornado de cogulhos.

COGULHOS. — s. plur. — (Ingl. *crockets*, Franc. *crochets*, Lat. *harpaginetuli).*—Ouvimos d'alguns mestres d'obras na Batalha este nome que adoptámos, á falta de melhor. — São certos ornatos nas arestas dos coruchéus, pinaculos, &c. em fórma de folhas ou antes de meios repolhos seguidos em linha. A's vezes tambem ornam as voltas das portas, janellas, &c.

CHAROLA. — Dá-se este nome a uma galleria ou corredor quasi semicircular que percorre por detraz do altar-mór, como se vê na sé de Lisboa, em Alcobaça, Thomar, &c. Quasi sempre havia charola quando a capella-mór acabava em *absis*, q. v.

CORUCHEU.—(Ingl. ant. *broach*, e moderno *spire*; Franc. *epier*, *&c.)* — A massa pyramidal que na architectura da idade media remata as torres ou campanarios. Na Batalha é ainda nomeado o corucheu da Cegonha, que um raio derribou, e se trata de reparar.

Diziam-se telhados *acoruchados* os que se erguiam muito empinados como no palacete dos *Meninos de Palhavã*, e no telhado provisorio que está na igreja de Belem suprindo o corucheu.

CRESCENTE. — É o nome dado ao arco maior do que o semicircular. Differe da *ferradura* em que nesta os dois lados são em linha recta apertando em baixo. O crescente foi introduzido pelos arabes talvez como um symbolo tirado da sua religião e de seus pavilhões.

CRYPTA. — Palavra grega, que significa caverna ou subterraneo: servia de carneiro, e algumas vezes de capella.

CU'PULA. — (Lat. *tholus).* — Cobertura elevada, de ordinario semispherica, sobre um edificio ou parte delle. A's vezes a cúpola fórma a baze ou parte inferior de um zimborio; para o soco de qualidade especial em que ella assenta está proposto o nome *tholobata* que explica a significação.

EMPENAS. — Vej. *frontão.*

EMPINADO; Arco—é o nome de que nos lembramos para traduzir o *Stilted Arch* de Willis, que designa o arco que não começa logo das impostas, mas cuja archivolta se empina primeiro e só depois arquea.

ENTASIS. — É uma palavra grega adoptada para designar nas columnas a sua *barriga* ou não adelgaçamento regular de baixo para cima.

ESCUDETE. — Ornato empregado como os florões e bossetes, porem com os escudos ou distinctivos da armaria, &c. — Diz-se em Ingl. *scutcheon*, Ital. *scudo*, e em Franc. *écusson*. V. *Florão* e *Bossete*.

ESPELHO. — Vid. *oculo.*

ESTRIAS. — (Lat. *stria*, Franc. *cannelures*, Ingl. *flutings).* — Os vãos ou meias canas que ornam verticalmente a superficie das columnas. O A. dos Artefactos chama-lhe *astrías*.

ESTRIBO. — Vej. *botaréu.*

FERRADURA. — Veja-se *arco* e *crescente.*

FESTÕES. — São os ornatos em relevo que representam grinaldas de folhas e fructos, &c. Costumam ser mais grossos no meio e vão estreitando para as duas extremidades. — Differe pois de arabescos. q. v.

FLORÃO. — É o termo mais geral que comprehende os *bossetes* e *escudetes*. Porem era melhor restringir-lhe a significação á etymologia, para quando o ornato seja uma flôr.

FOLHAS. — (Lat. *cuspis*, Ingl. *cusps).* — As extremidades ou remates chatos dos angulos salientes nos ornatos recortados. São umas vezes lanceoladas, outras floreadas, &c. — Tambem se dá o nome de folhas (Ingl. *featherings)* aos peqnenos arcos abertos que formam os vãos interiores das *bandeiras*, *&c.*

FRESTA. — É o nome que adopta sempre Fr. Luiz de Souza para as janellas esguias e ponteagudas da architectura chamada gothica.

FRESTÃO. — Augmentativo de fresta; empregamo-lo especialmente quando o augmento é em altura, pois que na largura, passado certo termo, o numero de maineis ajuda a fazer idéa desta.

FRONTÃO. — (Franc. *fronton*, Ingl. *pediment).* — Figura quasi sempre triangular que orna não só exteriormente a frontaria dos edificios, como as portas e janellas cuja verga co-

rôa. — É mais usado ou antes quasi indispensavel na architectura classica, na qual o frontão consta; 1.º da cimalha que lhe fórma a baze; 2.º dos dois lados que o fecham em angulo superiormente chamados *empenas*; 3.º do espaço intermedio ou *tympano*, ordinariamente occupado com esculpturas, &c. O frontão parece dever a sua origem á fórma angular da tacaniça causada pelo encontro das aguas lateraes do telhado.

FUSTÃO. — Fuste mui alto e sem capitel nem baze ás vezes. — Foi nome que adoptámos, ouvindo-o a um mestre de obras entendido, e póde tambem suprir em portuguez o *vaulting-shaft* dos inglezes. Fustão significava antigamente um varapáu.

FUSTE. — O corpo da columna ou pilar. — (Em Ital. *fusto*, e em Franc. *fût*, em Ingl. *shaft*, Alem. *schaft*, naturalmente do Lat. *scapus*, derivado do Grego).

GALILÉ. — Tinha este vocabulo varias accepções; porem o sentido como passou á nossa lingua é o que Fr. Francisco Brandão lhe dá na *Mon. Lusit.* Part. 5.ª Liv. XVI cap. 68, onde, fazendo uma dissertação sobre a sua origem e etymologia, explica como não se enterrando outr'ora os corpos nas igrejas usavam para isso das galilés, que eram nos porticos ou alpendres. Não vemos citado exemplo algum de galilé em Portugal; e só de Aragão se lembra o mesmo chronista nomeando um destinado ao cemiterio dos frades no Mosteiro de S. João de la Penha, que tinha o mesmo nome de galilé.

GÁRGULA. — É palavra mui usada em portuguez por todos os mestres d'obras para designar as biqueiras sahidas, que despejam a agua dos aljerozes ou canos dos telhados. Termina de ordinario em uma carantonha ou outro qualquer monstro, e ás vezes em figuras de frades ou outros homens em posições mais ou menos decentes. Nas capellas imperfeitas da Batalha e na igreja do hospital das Caldas vimo-las nós deste ultimo modo. O termo deriva sem questão do inglez *gargoyle* ou *gargle* ou do francez *gargouille*; e serve para confirmar juntamente com os outros vocabulos, taes como botareu, mainel, &c. como do centro da Europa vieram a Portugal os mestres que na idade media trouxeram a architectura das igrejas.

Tambem se lhe chama *carranca*; e simplesmente *biqueira* quando não tem ornatos.

GIGANTE. — Vej. *botareu*.

GOLA REVERSA. — Vej. *talão*.

GRILHAGE. — Vej. *paropeito*.

GRIMPA. — (Franc. *girouette*, Ingl. *vane*). — Bandeira ou figura de metal plana, que se põe para remate nas torres e altos do edificio, veleta. (*Moraes*).

JORRO ou JORRAMENTO. — Pendor, alambor, ou declividade que se dá ás muralhas para sua maior fortaleza. — Em Mafra os embasamentos dos pavilhões, e em Alcobaça uma alta parede do seculo passado tem grandes *jorramentos*.

LAÇARIA. — Esta palavra ainda que pareça derivar de *laços*, veio quanto a nós para o portuguez do inglez *lace* que significa renda; e vale o mesmo que *arrendado* ou *rendilhado*.

LUMIEIRA. — Qualquer fresta que serve para dar luz.

LIZES. — Ornatos em fórma de flôr de liz. Vej. *meta*.

LUNETA. — Vej. *oculo*.

LUZES. — (Ingl. *days*, *bays* ou *lights*). — Os espaços das frestas entre os maineis.

Tambem se dá igual nome aos buracos que em fórma de claraboias se deixam no alto das abobadas, dos quaes nas praças se utilisa para a defensa. — Vej. Luiz Serrão Pimentel o que diz no seu *Methodo Lusitano* pag. 153.

MAINEL. — Esta palavra deve ter em portuguez duas accepções: a primeira é a que lhe dão os diccionarios — de corrimão das escadas: a segunda é a que lhe dá a carta de el-rei D. Duarte que vem no Tom. X P. 1.ª pag. 221 das *Mem. da Acad. R. de Lisboa*, tratando-se dos do convento da Batalha, onde quer designar os pilaretes que dividem as frestas verticalmente em duas ou mais luzes, e sustentam as bandeiras de laçarias ou arrendados.

É o Franc. *meneaux* e o *moynels* das Antiguidades de Westminster por Smith.

MEIA-LARANJA. — (Ingl. *ball-flower*). — Ornato em fórma semi-esferica ás vezes com lavores tripartidos no meio.

MEIA-ROTUNDA. — O espaço fechado por um pedaço de rotunda, só de um lado.

METAS. — Nome empregado por Fr. Luiz de Souza para designar as guarnições extremas em cima do edificio. Na Batalha, aonde elle as applica, são essas guarnições de *lizes*, como as que os inglezes chamam *flores de Tudor*.

MISULAS.—(Ital. *mensola*, Ingl. *bracket*, Franc. *tasseau*, *console*). — São os caxorros separados que sustentam os arcos das abobadas que vão ter ás paredes, e por isso quasi sempre correspondem a uma columna ou pilar em que fica o outro saimel. Ás vezes tambem as mísulas se destinam a suster estatuas, &c. É grande erro dizer que são o mesmo que *metopas*.

MODILHÕES. — (Ital. *modiglioni*, Franc. *modillions*). — São na architectura classica os cachorros principalmente das cornijas corinthia e composita.

MONTÉA de um edificio é a sua prejecção vertical ou desenho geometrico do seu exterior.

NACELLA. — (Franc. *nacelle*, Ital. *scozia*, *cavetto*, Ingl. *casement*, Lat. [derivado do Grego] *scotia*, *trochilus*). — Moldura concava, que póde deixar de ser recta. A palavra nacella é conhecida dos pedreiros, que lhe dão tambem o nome de meia cana; porem este ultimo está mais adoptado só quando são verticaes, assim como o de *estrias*, q. v.

NICHO. — Qualquer vão na espessura das paredes, dos pilares, &c. para conter estatuas e imagens de santos, &c., algumas vezes ornados de *baldaquins*, q. v.

OCULO, LUNETA ou ESPELHO fica já dito o que é: — a *rosace* dos francezes: em Ingl. *rose-window*, *catherine-wheel window* ou *marigold-window*.

OGIVA. — Adoptámos esta palavra como necessaria na accepção da franceza *ogive*, mais generica do que a do inglez antigo *ogyve* ou moderno *ogee*, que significa o arco que tem por contorno duas linhas do perfil da moldura chamada talão ou gola reversa. *Ogiva* nos significará em uma só palavra o arco ponteagudo ou de ponto subido, vulgarmente chamado gothico.

ORTHOSTYLO. — É o neologismo adoptado para expressar uma renque de columnas que não formam portico, e a que até agora se applicava sem rasão o nome de *peristylo*, que propriamente designa uma ordem de columnas que cinge á roda um zimborio ou mesmo um edificio todo, formando uma especie do que em termo vulgar se diz *alpendrada*.

PAINEL. — (Ingl. *dripstone*, *label*, *weather-mouldings*, *water-table*, *hood-moulding*, e em Franc. *larmier*). — Cimalhas sobre as portas e janellas para evitar que sobre ellas escorra a agua, &c. — Aos espaços triangulares entre o painel e a volta do arco, frequentes vezes ornados de molduras, denominam os inglezes *spandrels*.

PARAPEITO ou PEITORIL. — Muro de resguardo quasi sempre com vãos de permeio, de pouca altura, que guarnece em roda terrados e sotêas. Os modernos são quasi sempre de balaustradas ou renques de balaustres: tambem os ha como os antigos de lavores entretecidos ou de *grilhage*, e de grinaldas, &c.

PEGÃO. — Vej. *botaréu*.

PENDENTES ou PENDURÓES. — (Lat. *pendens*). — Ornatos dependurados dos tectos quasi sempre nos fechos das abobadas em vez dos bossetes, florões, ou escudetes.

PERISTYLO. — Vej. em *orthostylo*, que differe. Os dois mirantes *choragicos* na meia-laranja da Quinta das Larangeiras constam de peristylos sobre *stylobatos*.

PILAR. — É o nome que se dá ás grandes columnas massiças que sustentam as abobadas. Póde ser enfeixado; isto é, parecer composto de varias columnas, e então se chama *polistylo*.

PILARETE. — Empregado por Fr. Luiz de Souza para designar os pilares menores, maineis e balaustres.

PILASTRA. — Pilar ou columna achatada e encostada á parede.

PILASTRÃO.—Augmentativo de *pilastra*.

PINNACULO. — (Lat. *pinnaculum*, Franc. *pinacle*, Ingl. *pinnacle*). — Pequenas torrinhas ou coruchéus estreitos e de ordinario pyramidaes, que rematam ás vezes botaréus, torres, campanarios, &c. São muito frequentes na architectura chamada gothica.

PLATABANDA ou PLATIBANDA. — (Franc. *platebande*). — Faxa ou moldura chata com uma sacada menor do que a altura, mui usada na architectura restaurada.

PLINTHO. — (Lat. *plinthus*). — O soco dos pedestaes e das bazes das columnas na mesma architectura.

PLUTEUS. — Parede que fecha o espaço entre duas columnas como havia nos templos dos egypcios, e é ainda um dos caracteres da sua architectura.

POLYSTYLO. — Diz-se assim o pilar ou pilastra compostos de varios fustes enfeixados ou reunidos em feixe.

PONTE-AGUDO. — Vid. *arcos*.

PONTO SUBIDO. — Vid. *arcos*.

PORTADA. — Porta grande com ornatos em qualquer edificio.

PORTAL. — Porta principal com tudo quanto a acompanha e enriquece, n'uma igreja magnifica.

PORTARIA. — Mais applicado para as entradas de serventia nos conventos.

PORTICO. — (Lat. *porticus*). — A parte do edificio que se appresenta á sua entrada, com alguns pilares ou columnas, como no theatro da Quinta das Larangeiras.

Ás vezes serve de formar o *vestibulo*, que nos templos toma o nome especial de *pronaos*. Em Belem o portico fórma *pronaos*: no theatro de S. Carlos forma *vestibulo*, q. v. *Alpendre* é o nome mais proprio para os porticos menores.

PRONAOS. — Espaço ou vestibulo anterior ao templo: de *pro* e *naos*. — Este ultimo nome designava o espaço util interior, em qualquer templo grego.

RECORTADO. — Vid. *arco*.

REMATE. — (Ingl. *finial* ou *crest*). — Qualquer ornato que corôa ou termina superiormente uma peça do edificio. É mais generico do que *acroterio*, *agulha* e *zingamocho*: a primeira palavra applica-se mais a vasos e symbolos sobre um soco ou base: a segunda a pyramides ou ornatos esguios; e a terceira ás grimpas, cruzes, &c.

RENASCIMENTO. — (Fr. *renaissance*, Ingl. *revival*). — Nome dado á epocha em que o gosto pela architectura greco-romana reviveu na Europa.

RENDILHADO. — Vej. *arrendado*. — É palavra usada pelos AA. das Memorias da Batalha e Thomar.

REPUXO. — É o talão ou jorramento que por uma ou outra banda se dá aos pés direitos para mais firmeza.

RETABULO. — Obra nas paredes com molduras de caixilhos, para conter quadros, á imitação dos de madeira.

RIBETES. — (Alem. *rippen*, Ingl. *ribs* ou *nerves*, Franc. *nervures*). — São os artezões quando mais guarnecidos e acairellados de molduras. Vej. *artezão*.

ROTUNDA. — Na architectura italiana é uma obra interiormente sem cantos, pelo menos no tecto onde toma uma fórma semelhante á semi-espherica. — As *meias-rotundas* são mais usadas.

SAIMEIS. — (Ingl. *springers* ou *springing-stones*). — As duas primeiras pedras de cada lado sobre as impostas, em que a volta do arco se começa a formar.

SARAPANEL. — Arco achatado ou de volta abatida. Vej. *arcos*.

SEGMENTO. — Vej. *arco*.

SOCCO. — (Alem. *zocke*, Ingl. *socle* ou *zocle*, Ital. *zoccolo*). — Especie de pedestal lizo e sem baze nem cornija.

STEREOBATA. — Vej.

STYLOBATA. — As duas palavras gregas de que se compõe explicam a sua significação, a qual se restringiu só a servir quando varias columnas tenham um só pedestal, plintho ou socco seguido. Não se confunda com *stereobata*, que deve exprimir o mesmo quanto á baze, porem sem sustentar columnas nem pilares.

TALÃO. — (Franc. *talon* ou *gueule renversée*, Lat. *cyma reversa*). — Moldura que se póde comparar a um *S* ás avessas, com as duas curvas mais

ou menos distinctas, mais ou menos iguaes, e mais ou menos inclinadas.

TELAMONES. — Vej. *atlantes.*

TRAÇÃO ou TRAVESSÃO. — (Ingl. *transon).* — Pedaço de barra de pedra horisontal que divide em andares as luzes das frestas e os frestões, como se vê na Batalha, e no Carmo desta cidade.

TORRE. — Comprehende em geral as partes altas do exterior, que antigamente serviam á defensa; e por isso a sua origem é mais guerreira e derivada dos castellos, do que religiosa e deduzida dos templos antigos. Sobre ellas vão ás vezes nestes os corucheus, e campanarios.

TROÇO. — Toro ou pedaço de columna ou de outra peça d'architectura. Designa algumas vezes o *bowtell* ou *boutell* inglez.

TYMPANO. — Vej. *frontão.*

VELETA. — Vej. *grimpa.*

VENTANA. — Vid. *campanario.*

VESTIBULO. — (Lat. *vestibulum).* — Certo espaço anterior ás principaes entradas dos grandes edificios, ás vezes debaixo de um portico. — Póde-se tambem chamar vestibulo á entrada do palacio da Ajuda.

ZINGAMOCHO. — Segundo Moraes, que segue a Prosodia de Bento Pereira, deve ser o remate de alguma parte elevada do edificio, ou o que os inglezes chamam *hip-knob.* Filinto divergiu desta opinião, mas ao que parece foi só por gracejar.

ZIMBORIO. — Parece-nos deverse distinguir de cupola — em que esta é a parte inferior semi-espherica, e aquelle é a parte cimeira que fica sobre a cúpula, como em Mafra, na Estrella, &c.

A muito mais estenderiamos estas noticias se quizessemos repetir pedantemente a significação de todos os vocabulos de architectura, principalmente classica, já assentados, e conhecidos por todos os que alguma vez folhearam a tradução portugueza de Vignolla, e outras obras sobre o que se chama *cinco ordens da Architectura.* Tambem nos dispensamos de entrar na explicação de muitos nomes exclusivos só aos templos gregos, para designar a situação das suas columnas, &c. Desejavamos antes insistir em recolher os vocabulos architectonicos, que bastantes existem em Portuguez; mas sem ser escriptos; e é neste sentido que convidamos a proseguir no nosso caminho quem se achar de tal modo em contacto com os praticos, que possa ir fazendo colheita delles pouco e pouco. A tal respeito desde já agradecemos quaesquer rectificações ou addições que nos hajam de ser remettidas, o que muito pedimos.

FIM.

LIBRARY
JUN 21 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

Obras impressas pela Sociedade.

Chronica do Cardeal Rei D. Henrique, e Vida do Secretario d'Estado, Miguel de Moura, com annotações — 1 vol. 8.° fr. R 30

Memoria sobre o Convento da Ordem de Christo em Thomar. broch. 10

Memoria historica e descriptiva do Mosteiro de Belem, com um glossario de varios termos respectivos principalmente á architectura gothica. 8.° fr. com uma estampa..... 20

Reflexões sobre a Lingua Portugueza: obra inédita de Candido Lusitano, publicada com annotações. 1.ª part. 1 vol. 8.° fr. 30

☞ *As partes 2.ª e 3.ª sahirão brevemente.*

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
NX
00 00787

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 10 11 036 6